Relatos De Experiências Sobre o Curso De Formação Continuada Em Serviço: Tecnologia Assistiva Com Ênfase Na Educação Especial Na Perspectiva Inclusiva

Grupo de Pesquisa GEPEIN

ORGANIZADORES

ILMA RODRIGUES DE SOUZA FAUSTO

MARLENE RODRIGUES

RUTH MARIA MARIANE BRAZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

F268r Fausto, Ilma Rodrigues de Souza.

Relatos de experiências sobre o curso de formação continuada em serviço em tecnologias assistivas com ênfase na educação especial na perspectiva inclusiva. / Organização Ilma Rodrigues de Souza Fausto; Marlene Rodrigues; Ruth Maria Mariani Braz. - Porto Velho, RO, 2021.
72 p.; il.

1. Atuação profissional. 2. Formação continuada. 3. Educação especial. I. Rodrigues, Marlene. II. Braz, Ruth Maria Mariani. III. Produto final de dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional. III. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CDU 377:004

Bibliotecário Luã Silva Mendonça CRB 11/905

PREFÁCIO

Prefaciar uma obra que reúne Relatos de Experiências parece ser uma missão fácil, mas não é! Também não quis dizer que é difícil. Na verdade, cada vivência, cada fala, cada experiência profissional que se mistura com aquelas ditas de cunho pessoal e se reconstroem em suas dúvidas, soluções, conclusões e perspectiva traz emoção a que tem o privilégio de reviver através da leitura os 35 relatos que começam com as experiências da Orientadora Educacional Adriana Campos Cavalcante e termina com a Educadora Vivian Cristina Pereira dos Anjos Silva.

Essas histórias não se repetem. Elas se completam, entrelaçam e nos recontam novas formas de encontrar soluções no campo da educação e da vida. Destaco, nesse contexto, os recortes das falas dessas heroínas e heróis responsáveis pela formação e preparo para a profissionalização de pessoas das mais diferentes idades e demandas, atendendo um universo de possibilidades, tais como as falas por mim selecionadas:

> "O desafio maior era o autista, pois só conseguia gritar no princípio, porém aos poucos ele foi entrando na rotina estabelecida na sala onde todos participavam, ninguém ficava de fora". As atividades de pareação, seleção, separação, contação de história, era muito significativo para a criança, pois ele percebia que todos faziam a mesma atividade que ele".
>
> Maristela Bonim

> "Lembro-me da luta com a profissional de apoio escolar para trocar o carrinho de bebê pela cadeira de rodas com uma calça almofada como suporte postural, porque ela não era mais um bebê. Lembro-me da berçarista, também tão sorridente até com os olhos, que brincava deitada de pedalar e tesourar com as pernas estimulando nossa menininha e teve a alegria de vê-la virar-se sozinha pela primeira vez."
>
> Michele Dias Pinto

> "As aprendizagens para mim significaram muito, pois durante a pandemia ficou muito difícil atuar como professora online, nada entendia de tecnologia, e com as ferramentas apresentadas no curso, facilitaram o planejamento das aulas e a troca de experiências dos colegas. Possibilitaram uma visão diferente de dar aulas para alunos com deficiência, mesmo que não há em minha turma alunos com algum tipo de dificuldade, percebi que tenho muito a aprender ainda e que para ser um educador inclusivo é preciso acima de tudo amor."
>
> Semara da Silva Gomes

> "Nossas formações possibilitam que os professores sejam autores da sua própria prática pedagógica, criando atividades personalizadas para atender às necessidades de seus alunos, especiais ou não."
>
> Vívian de Lima Maia

Finalizo, desejando a todas e a todos que se derem de presente ler e reler os relatos que compõem essa obra.

Neuza Rejane Wille Lima

Professora Titular do Instituto de Biologia da

Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ORIENTADORA EDUCACIONAL **6**
ADRIANA CAMPOS CAVALCANTE 6
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFISSIONAL DA SALA DE RECURSOS **8**
ADILSON RODRIGUES DE OLIVEIRA 8
RELATO DE EXPERIÊNCIA **9**
AMANDA STELLA CABRAL DE SALES 9
RELATO DE EXPERIÊNCIA **11**
APARECIDA BARBOSA DE OLIVEIRA 11
RELATO DE EXPERIÊNCIA **12**
BÁRBARA GHESTI DE JESUS 12
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE APLICAÇÕES E USO DE TA EM SALA DE AULA **14**
BENVINDA GONÇALVES ZOTTELE 14
RELATO DE EXPERIÊNCIA **17**
CRISTIANE FERNANDA BARBIAN TREIMANN 17
RELATO DE EXPERIÊNCIA **18**
CÁTIA SOUSA CRUZ 18
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DO AEE **20**
CÁTIA SILENE DA SILVA ARAÚJO PEREIRA 20
RELATO DE EXPERIÊNCIA **22**
CLÁUDIA LEÃO DE CARVALHO COSTA 22
RELATO DE EXPERIÊNCIA **25**
CLAYTON CARLOS DE OLIVEIRA SANTOS 25
RELATO DE EXPERIÊNCIA **27**
CLENI DE DEUS ALMEIDA 27
RELATO DE EXPERIÊNCIA **28**
CRISTINE DANIELLA AZEVEDO SILVA 28
RELATO DE EXPERIÊNCIA **29**
CRISTIANE SOUSA SANTOS 29
RELATO DE EXPERIÊNCIA **30**
MINHA VIVÊNCIA-EXPERIÊNCIA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL **30**
CLAUDIANNE FIGUEIREDO SANTOS VELOSO 30
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE LIBRAS **32**
DANIANE PEREIRA 32
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE ESCOLA ESPECIAL **34**
DALVA MARIA SEEWALD DE CARVALHO 34
RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE DE UM COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **36**
DALILA CAMELO BLANC RETTICH 36
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA ESPECIALISTA EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª LÍNGUA PARA SURDOS **37**
EDIVÂNIA FLORO NICÁCIO ALMEIDA 37

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL **41**
FABIANA MUNIZ DE OLIVEIRA 41
RELATO DE EXPERIÊNCIA **42**
FERNANDA ALBERTINA GARCIA 42
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL **44**
GESSICA APARECIDA PEREIRA DE MELO LEMOS 44
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA **45**
JULIANA TEOTÔNIO DE MELO 45
RELATO DE EXPERIÊNCIA **46**
LEANDRA DE CÁSSIA BERNUSSO 46
RELATOS DE UMA PROFESSORA EM UMA CRECHE PÚBLICA **48**
LERINADA BORBOREMA DE ALMEIDA 48
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA COORDENADORA DO NAPNE **49**
LIVIA CATARINA MATOSO DOS SANTOSTELLES 49
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE AEE **50**
MÔNICA CÔRTES DENEZINE TAVARES 50
RELATO DE EXPERIÊNCIA **51**
MICHELE DIAS PINTO 51
RELATO DE EXPERIÊNCIA **53**
MARIA CLEONICE FROTA DE SOUZA MORAIS 53
RELATO DE EXPERIÊNCIA **54**
MARISTELA BONIM 54
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE ARTE **56**
OZELI BAZILIO DA SILVA 56
RELATO DE EXPERIÊNCIA **57**
RAQUEL XAVIER GRAZZINOLI 57
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INSPETORA DE ALUNOS **59**
RAFAELA COSTA DA SILVA 59
RELATO DE EXPERIÊNCIA **61**
RENATO UBIRAJARA DOS SANTOS BOTÃO 61
RELATO DE EXPERIÊNCIA **62**
SEMARA DA SILVA GOMES 62
RELATO DE EXPERIÊNCIA **64**
TEÔNIA DE ABREU FERREIRA 64
RELATO DE EXPERIÊNCIA **68**
VANESSA NORONHA ELER 68
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA FORMADORA **69**
VÍVIAN DE LIMA MAIA 69
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE **70**
VIVIAN CRISTINA PEREIRA DOS ANJOS SILVA 70

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ORIENTADORA EDUCACIONAL

Adriana Campos Cavalcante

Sou pedagoga com habilitação na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e orientadora Educacional com Especialização em Psicopedagogia. Hoje não estou em sala de aula, mas trabalho no setor da Educação Básica na Secretaria Municipal de Educação. Ao saber sobre o curso de tecnologia assistiva, logo me interessei por aprender mais sobre as tecnologias, a fim de melhorar minha prática, e ajudar as pessoas que dela precisam. Com a Pandemia da COVID-19, ficou ainda mais evidente para mim, que precisava me habilitar para atender. Confesso que tinha muito receio de usá-las, por falta de habilidade e medo de causar algum problema no computador e não saber arrumar, ter perda de dados e outros.

No decorrer do curso, fui perdendo esse receio e traçando outras estratégias para superar a mim mesma. Destaco que a professora Ilma foi peça fundamental neste processo em me ajudar, quando ela diz: “a tecnologia é para te ajudar, você vai trabalhar menos, ela trabalhará por você. Se não está te ajudando é porque alguma coisa está errada. Pare e pense, depois haja!” No módulo de iniciação, gostei muito da Netiqueta e tenho aplicado esses conhecimentos em diversas áreas dos meus relacionamentos com tecnologia e, na medida do possível, ensinado a outras pessoas. O curso trouxe muitos conhecimentos e os professores foram maravilhosos! Gostei muito do livro: “Nada sobre nós sem nós”! Muito interessante a aula da professora Dra. Ana Cláudia Nunes Pontes nos mostrando um pouco sobre o Braile. A professora Dra. Animi Taninava de Oliveira que mostrou vários materiais que usa em sua sala de aula com as crianças especiais, despertando o lado criativo em nós professores. Usava WhatsApp, e-mail, Excel e Power point. Aprendi neste período a usar: Classroom, Google Meet e Google formulários, a gravar pelo Cisco Webex, Jambord, a usar outros recursos dentro do Power point, baixei os aplicativos assistivos do Word no computador e no celular, como: legenda, a alterar as fontes de letras e a priorizar algumas delas, a selecionar o tamanho de fontes certas para slides. Experimentei o aplicativo de voz em arquivo, usei a ferramenta de digitação por voz, aprendi a converter Word para PDF, e ao contrário também, aprendi a colocar os slides de forma acessível. Baixei o Google tradutor no celular de voz e por imagem. Usei o Bitmoji, Issu,

Inventeca, usei esse aplicativo com minha neta; gravador de tela pelo Word, usar pastas no drive; elaborei tarefas no Google atividades; gravei um tutorial explicando como se usa a ferramenta do WordWall, que usei para elaborar três tarefas diferentes e divertidas para crianças; aprendi a criar links para postar atividades no Google drive; comecei a usar o Google doc; o Screencastify, Loom para gravar, Nearpod.com; bookcreator.com; aprendi com a professora Ilma a adicionar tarefas na plataforma por meio de link e usei essa aprendizagem em outro curso. Usei o aplicativo Hand Talk, um tradutor de línguas de sinais que faz a interpretação automática de texto e voz para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O último módulo do curso deixou um gostinho que quero mais com a professora Patrícia Regina de Carvalho Dias da Silva, com práticas inovadoras para serem aplicadas com as crianças e com certeza depois deste curso nenhum de nós será mais o mesmo.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFISSIONAL DA SALA DE RECURSOS

Adilson Rodrigues de Oliveira

Trabalho na rede municipal e estadual, sendo que na rede municipal trabalho na sala de recurso (AEE). Tenho vários alunos atualmente e as tecnologias assistivas estão nos ajudando muito neste momento atípico, pois essas ferramentas do Google são maravilhosas, Trabalho também com atividades adaptadas impressas e confecção de jogos pedagógicos. Uso essas tecnologias com os alunos da rede estadual, lá usamos muito o Google Classroom e atividades no formulário Google.

Tem sido um desafio em tempos de pandemia continuar levando a nossos alunos um ensino aprendizagem com qualidade, e graças a essas ferramentas, nosso trabalho tem alcançado os objetivos propostos.

Na caixa de surpresa, coloquei uma pasta com Jamboard que usei no final do ano passado para fazer o portfólio deles. Também, tem lá fotos minhas confeccionando jogos pedagógicos e fotos de jogos pedagógicos.

Gostaria de acrescentar que este curso contribuiu muito para mim. Ajudou-me a descobrir muitas coisas e usar no dia a dia. É um material muito rico. Deixou-me preparado para os desafios, só tenho a agradecer.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Stella Cabral de Sales

É de fundamental importância na nossa atualidade o uso das tecnologias assistivas, tendo em vista que devido à pandemia o acesso dos estudantes às escolas ficou restrito. Sendo assim, o uso do ensino remoto e híbrido ganhou espaço no nosso cotidiano e para atender as necessidades dos educando, foi preciso buscar novas metodologias e estratégias de ensino. Dessa forma, o uso das tecnologias por meio de games e atividades lúdicas permitiu o acesso dos alunos com deficiência aos conteúdos de sala de aula de forma que esses pudessem ter conhecimento que atendessem suas necessidades.

Dentro do contexto de sala de aula presencial, as tecnologias assistivas permite ao aluno ter uma participação interativa em sala, onde o conteúdo é apresentado de forma lúdica e que facilita seu aprendizado, seja por meio de jogos, pranchas adaptadas, placas de comunicação, tudo que possibilite ao aluno se apropriar dos conteúdos de sala de aula de forma que seu aprendizado seja garantido.

O curso me proporcionou uma nova visão para poder adaptar as minhas aulas ao sistema remoto e híbrido. Tendo em vista que meu público é da educação especial, foi necessário o uso de tecnologias assistivas para que o aprendizado acontecesse da melhor forma, mesmo estando distantes. Quando as minhas aulas eram presenciais, era tranquilo porque estava em contato direto com o aluno, então conseguia visualizar as necessidades. Atualmente, eu tenho que planejar antes que as aulas aconteçam porque as retiradas de atividades são mensalmente, assim o uso de tecnologias assistivas está sendo de grande valia para o meu desempenho como professora, pois como exemplo, atendo três alunas com baixa visão para o ensino de Braille. Então para que esse aprendizado começasse, foi confeccionado, com base nos assuntos estudados, uma cela Braille usando e.v.a, papelão e tampas de garrafa pet e uma prancha para leitura de Braille que contem seis celas Braille e isso que está me ajudando a que as aulas aconteçam da melhor forma possível para as alunas.

O curso de tecnologias assistivas deu todo um suporte para o aprendizado. A tutora Ilma sempre esteve disponível e acessível aos alunos, tirando dúvidas. Os palestrantes e demais professores de riquíssimo conhecimento trouxeram conteúdos atualizados de uma forma prática e dinâmica de entendimento. Por fim,

esse curso deve ser ofertado mais vezes para a formação de mais professores e profissionais da área de educação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aparecida Barbosa de Oliveira

Quando soube do curso de Tecnologias Assistivas, realizei inscrição no mesmo momento, pois o número de vagas era limitado e o nome do curso me chamou a atenção. A curiosidade quanto ao conteúdo que seria ensinado surgiu desde o módulo de acolhimento e ambientação.

Dentre a diversidade de materiais apresentados, como sites, plataformas, aplicativos, software entre outros, comecei a utilizar com alunos de alfabetização, dos 1º e 2º Anos do Ensino Fundamental, os jogos do site Escola Games e Zuzubalândia. Para jogo selecionado sempre era gravado um passo a passo com V Recorder. Também o conheci neste curso, logo depois de compartilhado o link com os alunos pelo WhatsApp. Outra ferramenta apresentada que iniciei trabalhos foi o ISSUU. Adorei conhecer, era de fácil manuseio e os estudantes receberão atividades ainda este mês de maio de 2021.

Uma das experiências deste curso foi descobrir que meus slides não eram acessíveis. Após aula de tirar dúvidas com professora Ilma, iniciei um PowerPoint e então senti a necessidade de voltar a ler informações de “boas práticas para descrição de imagens” fornecida em aulas anteriores. Tenho que me aperfeiçoar muito quanto à acessibilidade nos slides, mas não farei como antes jamais.

Salvei vários livros e artigos para ler com calma e também, tenho anotados diversos endereços que quero voltar a revisitar e aprender a criar infográficos, mapa mental, e-book, criar jogos e aplicativos.

Desse curso surgiram outras oportunidades, pois no grupo de Whatsapp era compartilhado editais de diversos cursos e desta forma participei de outros minicursos. Estou cursando uma Pós-Graduação em Informática na Educação no IFSP e aguardando início das aulas em Segunda Licenciatura em Educação Especial pela UFSCAR.

Gratidão às professoras Ilma, Marlene e Ruth, também aos demais professores colaboradores que contribuíram para que acontecesse esse curso de forma instigante e muito prazerosa, compartilhando saberes e modificando práticas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bárbara Ghesti de Jesus

Relato de experiência: o olhar de uma Pedagoga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem, em uma Escola do Campo, sobre o curso de Tecnologias Assistivas.

Eu trabalho com a Educação Especial desde 2011. Sempre fiz muitos cursos relacionados ao tema, porque sempre gostei bastante de aprender mais sobre como encarar esse mundo que é repleto de necessidades diferentes das mais comuns. Vou confessar que acreditava saber bastante. Mas este curso me fez abrir ainda mais minha visão de mundo, de conhecimento pessoal e também profissional/científico.

Pessoal no sentido de "descobrir" o conceito de Escola para Todos. Essa visão permeada pela empatia, pela compreensão e pela aceitação de toda a diversidade humana, mudou a minha maneira de perceber e compreender a inclusão.

Num breve relato, posso falar de minha própria vida escolar, uma criança diabética, insulino dependente, que precisou encarar os doces entregues como lembranças e/ou motivações, o que perdurou até a graduação. Depois, docente, sempre tive o cuidado de evitar essa prática, pois, além do diabetes ainda temos diversas intolerâncias alimentares, algumas nem mesmo diagnosticadas, mas que causam sim desconforto e sofrimento. Além do problema da obesidade infantil, presente em praticamente todas as turmas escolares. Uma Escola para Todos percebe cada indivíduo no seu singular e, ainda assim, cada singularidade como parte integral da coletividade. Este curso muitas vezes me levou a acessar memórias doloridas, mas fundamentais para o meu crescimento também profissional. Afinal, não podemos esquecer que todo docente carrega em si a história de um discente.

Profissional/científico no sentido de conhecimento de várias tecnologias, programas, estratégias facilitadoras, tanto do ensino (no que diz respeito à Organização do Trabalho Pedagógico - OTP) quanto da aprendizagem. É bem verdade que para uma professora alfabetizadora, de uma comunidade do campo, onde os alunos têm pouco ou quase nenhum acesso às tecnologias digitais, aquelas desplugadas são mais acessíveis e mais concretas para a realidade. Mas com um pouco de coragem e muita força, vez ou outra, a gente consegue levar

aos estudantes o acesso à tecnologia digital, numa comunidade carente de quase tudo. O que sempre se transforma num evento quase que festivo!

Profissional também no sentido do exemplo. Concretizando famosos ditos populares, de conhecimento de senso comum, mas que atravessam gerações, porque estão carregados de verdades, como "aliar teoria e prática" e sobre "mais que falar é preciso ser modelo", a Professora Ilma num exemplo prático de Escola para Todos, segurou na mão de cada cursista e levou cada um, dentro de suas dificuldades, até o final do curso.

Se ela foi exemplo de empatia e compreensão docente com estudantes todos adultos, porque nós não seríamos com nossos estudantes, todos crianças e/ou adolescentes?

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE APLICAÇÕES E USO DE TA EM SALA DE AULA

Benvinda Gonçalves Zottele

Sou Pedagoga e Licenciada em Letras. Com pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Gestão, Supervisão e Orientação Escolar; Metodologia e Didática do Ensino Superior; Mídias na Educação; Educação Infantil com Ênfase na Alfabetização; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura; Ensino Religioso; Educação, Política e Sociedade; Mestrado em Ciências da Educação e, faço parte da educação há 35 anos. Atualmente estou lecionando aulas de Arte, Ciências, Filosofia e História (para alunos do sexto ano ao ensino médio); Mediadora do Ifro no município e Tutora da Fael (90 acadêmicos).

Em relação a Educação Especial, só nunca trabalhei com alunos cegos. No mais, sempre trabalhei com alunos que tinham “qualquer tipo de perda ou anormalidade que limitavam-se às funções físicas, sensoriais ou intelectuais”. Antes da pandemia, trabalhei com a Mediação Tecnológica por três anos seguidos aonde tinha 2 EPAEE. Esses alunos foram e ainda são, exemplos no nosso município. Um pela capacidade de criar objetos utilizando materiais reciclados e, outro, pela capacidade de expressar através da linguagem não verbal: mímicas, desenhos, pinturas, esculturas, coreografias, entre outros. Em ambos os casos, tive que ‘rebolar’ em busca de atividades que possibilitasse o desenvolvimento do conteúdo de maneira agradável e compreensiva, inclusive através do uso do whatsapp e de vídeos. Hoje, participo de vários cursos online para aprender e adaptar as ferramentas tecnológicas aos conteúdos curriculares ao ritmo do aluno.

1. Como você avalia o EPAEE (Estudantes Público-Alvo da Educação Especial) em sala de aula?

O EPAEE ao ser valorizado pela escola e pela família aprende e socializa seus conhecimentos com os colegas de classe e na comunidade aonde vive, lembrando que, para isso, todas as atividades devem ser bem planejadas e abordadas para que possa criar situações de aprendizagens.

A partir das leituras e rodas de conversa realizadas percebeu-se que é preciso haver uma maior preocupação e relevância de um trabalho bem feito em cada etapa escolar, pois será ele que dará a base para o prosseguimento dos estudos pelo EPAEE e contribuirá para o desenvolvimento deste, preparando-o para os anos subsequentes e mercado de trabalho.

O atendimento ao EPAEE, inclusive, em grande parte, se dá pela parceria entre escola e família, podendo se tornar acessível à medida que os profissionais assumem a iniciativa por esse relacionamento e constroem estratégias que viabilizem essa interação. Como vemos, cabe a escola dar o primeiro passo, na socialização de suas atividades, para a inserção dos pais onde há carências culturais, nutricionais e afetivas, podendo estas afetar os estudos, porque são problemas que ultrapassam as fronteiras dos bancos escolares.

A escola, ao abrir suas portas para o EPAEE deverá possibilitar que estes expressem suas vontades, seus valores, e, também, seus conflitos, entre eles, os familiares. E para dar oportunidades aos alunos de participarem do processo educativo, estará recebendo-os sem distinção de 'distúrbio', para que todos se sintam construtores de sua própria aprendizagem.

2.Qual a diferença entre a avaliação tradicional e a inclusiva?

É necessário que a escola acompanhe o aluno em sua comunidade, pois, mais que um caso clínico isolado, o aluno faz parte de uma instituição escolar, é integrante de uma família, pertence a uma classe social e é cidadão de um país. Depois disso, fica fácil entender que a diferença entre a avaliação tradicional e a inclusiva é que, a primeira aborda os temas do conteúdo estudado na íntegra e, a segunda, deve ser elaborada de acordo com as especificidade de cada aluno, ou seja: individual ou em grupo, oral ou escrita, quando necessário, pode utilizar instrumentos específicos (fichas e questionários) que permitam o registro dos atendimentos, dos acompanhamentos e dos encaminhamentos dos alunos inclusos.

3Faz sentido adaptar avaliações para um EPAEE?

O fato é que, cabe a escola estar estabelecendo relações que moldam o que se pode chamar de currículo real. Tendo que construir a educação na complexidade da vivência do aluno, através de dinâmicas educativas relevantes e significativas, o chamado lúdico na aprendizagem. E, concordando com a maioria dos autores que defendem que o aluno se desenvolve por meio de uma relação entre a imaginação e a ação, e na qual a observação na instituição nos confirmou esta ideia, é preciso adaptar as avaliações escolares para o EPAEE de acordo com as suas especificidades.

4.Quem deve adaptar uma avaliação para um EPAEE?

Com a participação ativa dos pais na escola possibilita a interação entre família/escola/comunidade, realizando ações que favoreça o envolvimento destes no processo educativo e, também, maiores rendimentos nas atividades escolares

que requerem acompanhamento especifico para que a aprendizagem ocorra. Diante disso, o educador responsável pelo aluno, tanto o professor de sala de aula comum quanto o coordenador do AEE devem fazer as adaptações da avaliação para o EPAEE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cristiane Fernanda Barbian Treimann

Ao iniciar o curso em Tecnologias Assistivas, tinha um conhecimento bastante raso sobre o tema. Conhecia poucos aplicativos, mais precisamente por nomes e nunca tive a oportunidade de conhecê-los na prática.

Quando trabalhei como auxiliar de educação no ensino fundamental, tínhamos alguns recursos na aula de multimeios, mas como não tínhamos nenhum aluno com necessidades especiais, os softwares acabaram sendo usados para jogos simples e para simples conhecimento. Eram softwares de vocalização e ampliadores de imagens (lupa).

Hoje trabalho na educação infantil. Em nossa unidade temos casos de TEA e síndrome de Down, e utilizamos recursos impressos, impressões ampliadas e outros recursos de baixo custo como confecção de brinquedos ou objetos didáticos com recicláveis.

Com o curso, pude conhecer uma gama enorme de diferentes recursos existentes para diversas necessidades. E é uma pena o quão difícil é encontrá-los disponíveis principalmente na rede pública de ensino.

Precisamos de ações que valorizem a diversidade e a inclusão, que disponibilizem recursos, nem que seja os mais simples, e que engajem profissionais da educação a trabalhar essa vertente.

É um conhecimento e satisfação que não tem preço poder contribuir para o aprendizado e autonomia de tantas pessoas com necessidades especiais.

O curso me enriqueceu demais! Sempre que acesso o notebook procuro visitar algum site ou aplicativo de tecnologia assistiva, pois de fato, só aprendemos com a prática!

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cátia Sousa Cruz

O curso de Tecnologias Assistivas iniciado em Novembro, de 2020, que foi ofertado pelo Instituto Federal de Rondônia- *Campus* Ji-Paraná, trouxe ainda mais conhecimentos a minha prática pedagógica. Estou atualmente como Coordenadora Pedagógica da rede municipal de ensino e concomitante, multiplicadora desses conhecimentos junto aos meus professores. Logo, no contexto de pandemia, onde o processo educativo tornou-se mais virtual e menos presencial, houve a necessidade de adequações e atualizações do ensinar e aprender para o “novo normal“.

Os materiais paradidáticos, as indicações de sites, congressos, filmes, arquivos e tutorias para uso das ferramentas digitais, dentre outros, foram objetivamente explorados e expostos no Ambiente virtual e nas aulas online, despertando e agregando os conhecimentos do fazer docente na perspectiva de Educação Inclusiva no contexto das diversidades. Ao ingressar no curso não mensurava os benefícios demasiado que poderiam ser promovidos e ministrados pelo grupo de formadoras do curso, em especial a Professora Ilma. Por ser ofertado na modalidade à distância, a primeira impressão que temos é de limitação de exposição síncrona e uso de outras ferramentas, no entanto, foi além das expectativas e mostrou-se positivamente completo.

Todas as aulas online, sem exceção, trouxeram conhecimentos e instruções que estão sendo usadas nos modos de ensino remoto emergencial. A proposta de trazer convidados que pudessem atrelar a sua prática com a teoria, fez o diferencial das aulas online ofertadas pelo curso. Cada conteúdo trabalhado/exposto despertou um novo olhar, as ferramentas foram muitas, muitíssimas. A vontade que dá, é de se debruçar nos inúmeros materiais e tentar praticar tudo ao mesmo tempo (cada arquivo e instruções foram arquivadas e anotadas para não perder a oportunidade de uso futuro), no entanto e conhecendo do processo educativo precisei mensurar a gestão de tempo da aprendizagem, a afinidade de cada professor/a no manuseio da/s ferramenta/s, a especificidade/necessidade de cada aluno na inclusão educacional e ir inserindo aos poucos na rotina escolar.

Diante disso, fica evidenciado que os recursos assistivos plugados e/ou desplugados trazem muitos benefícios no processo de homologia entre os pares (professor/aluno/escola) tecnologias essas que devem estar sempre presentes na

perspectiva de garantir a aprendizagem do aluno dentro da sua especificidade. Contudo, até a presente data, o que consegui trabalhar com os meus professores foram as ferramentas de Google Meet, Google Classroom, Canva, Google Forms e Games Educativos. As ferramentas embora pareçam simples e de conhecimento de todos/as, não foi uma tarefa fácil, levando em consideração o que foi apresentado aos professores, ou seja, as extensões, atalhos, dentre outros recursos que podem ser usados dentro dessas ferramentas. As aulas online me trouxeram esses conhecimentos e curiosidade, o que também foi novidade descobrir que dentro dessas ferramentas, aos quais os alunos têm mais acesso, os professores poderiam inovar e atender um número maior de alunos de acordo as extensões que podiam ser usadas.

As indicações de congressos e materiais de suporte foram também compartilhadas com os professores, além de dicas e tutorais de confecção de materiais com uso de poucos recursos (baixo custo) para trabalhar com as especificidades dos alunos. Foram muitas trocas de experiências, materiais e conhecimentos que o curso promoveu e despertou, e com certeza todas bem pensadas e articuladas. Utilizei muitas coisas com os meus professores e pretendo utilizar muito mais! Gratidão!

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DO AEE

Cátia Silene Da Silva Araújo Pereira

Trabalho na educação há 29 anos e destes lecionei em turmas do ensino fundamental I e educação infantil por 23 anos. Sempre tive em minhas turmas alunos surdos, o que despertou a minha atenção para a inclusão. No ano de 2014, montaram a primeira SRM em Juripiranga, e como desde 2012, eu estava na FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência), fazendo cursos para aprender a lidar com o processo de inclusão, fui selecionada para essa sala. Comecei a receber alunos surdos e a pesquisar materiais, fiz cursos de Libras, Básicos I e II e intermediário. Então percebi o quanto esta língua me encantava. Fiz o vestibular, em 2014, de Letras/Libras na UFPB e fui aprovada. O curso era EAD, foi então que comecei a usar a tecnologia ao meu favor, a primeira atividade foi um terror, demorei mais de uma hora para conseguir enviar. Era tudo muito novo, porém fui obrigada a aprender.

Quando recebi de uma amiga o link para fazer a inscrição no Curso de Formação Continuada em Serviço: Tecnologia Assistiva com Ênfase na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, não pensei duas vezes, porque tinha a necessidade de aprender a usar essas ferramentas que vieram instaladas nos computadores de minha sala, porém não sabia o quanto seria difícil, à medida que o curso foi avançando percebi como era distante esse mundo das tecnologias assistivas. Então, quando eles iam apresentando, eu fui conhecendo e às vezes experimentando. O que eu amei foi a simplicidade de chegar a algumas ferramentas e o quanto elas podem fazer a diferença na vida dos meus alunos. Descobri e aprendi a usar algumas. E o engraçado é que sempre estiveram no meu notebook e eu não tinha conhecimento de suas utilidades. O que achei interessante foi a quantidade disponível para as diversas necessidades de nossos alunos. Certamente irei usá-las para facilitar a minha prática, e principalmente aprimorar o processo de aprendizagem do nosso público.

Hoje, vejo as tecnologias assistivas com outros olhos, e não posso deixar de expressar a minha gratidão e admiração por todos que estiveram envolvidos neste curso. Coordenadores, orientadores, professores e colegas de turma, vocês sempre farão parte de minha história. Isto porque não foram apenas as tecnologias que nos apresentaram, mas todo um contexto e as redes de profissionais que foram introduzindo em suas aulas, notei o quanto é importante assumir e uma postura e atitudes inclusivas.

Infelizmente, não consegui aplicar em minha sala esse aprendizado, tendo em vista que os meus alunos ainda não voltaram ao ensino presencial. Certamente continuarei procurando, testando e pesquisando esses novos saberes.

Como comentei em um de nossos encontros, não foi fácil, porém o que não nos tira de nossa zona de conforto, não acrescenta experiências e aprendizados significativos em nossas vidas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cláudia Leão de Carvalho Costa

Esta oportunidade vivenciada no curso de formação do IFRO foi uma experiência de muito conhecimento e muito agregadora e produtiva. Ela mostrou que podemos inovar nossas aulas, criar novos planos educacionais para nossos alunos com deficiência e público da educação especial.

Aprendemos, durante o curso, sobre o desenho universal e a escola justa, sobre as deficiências físicas e as tecnologias assistivas nas escolas. Tecnologias que vão de simples equipamentos performáticos para leitura, escrita até tecnologias, softwares, aplicativos e também materiais que antes não conhecia e que aplicarei a partir de agora.

Fizemos os mapas de empatia e já apliquei com várias séries, pois são ferramentas colaborativas para identificar as potencialidades, desejos, percepções e necessidades dos nossos alunos. Para tal, usamos o Jambord, aplicativo que não conhecia e que permitiu esta aproximação do público da educação especial, mas que também pode ser utilizado em sala de aula com todos os alunos, na sala de informática e também, como tarefa de casa.

Outros aplicativos que aprendi e que me apresentaram um contexto digital com aplicabilidade muito interessante e que estou colocando nos meus planos de aula são Smart-ASd, Autismind, que estimulam o desenvolvimento de crianças com autismo e TEA, possibilitando e potencializando a cognição e a interação social das crianças.

Mas o que mais se evidenciou neste curso foram as muitas possibilidades e estratégias pedagógicas inclusivas que podemos utilizar na prática, em sala de aula, de ferramentas assistivas que vão melhorar a aprendizagem, a qualidade de vida, a interação e o desenvolvimento psíquico, motor, afetivo e social das nossas crianças.

A criação de vídeos e animações, que aprendi neste curso, é de uma infinidade de possibilidades, para elaboração de material, de cartilhas, de aulas para meus alunos. O aplicativo de vídeo e edição, Vídeo Guru, mostrou-me que sou capaz de elaborar filmes de curta duração bem animados e criativos.

As ferramentas digitais para o professor, ferramentas assistivas e jogos educativos são o que considero mais interessantes e novos para nós docentes. O curso nos mostrou que há formas de fazer "melhor e diferente" para aquisição da linguagem e para a escrita das crianças com deficiência.

As Tecnologias assistivas possíveis para o trabalho e desenvolvimento dos meus alunos que mais tenho feito uso após o curso são:

- ABA - Análise do comportamento aplicado. O ABA visa o desenvolvimento da criança para que ela adquira independência no meio social, por ser adaptável a cada criança. Na realização dessas atividades são fornecidas dicas e uma recompensa no final.
- SonRise- Oferece uma abordagem educacional prática e abrangente para inspirar as crianças e adolescentes com autismo a participarem ativamente em interações com os pais, outros adultos e crianças, ou seja, estabelece a interação e comunicação com a pessoa com autismo em ambiente organizado.
- PECS - um sistema de intervenção alternativa de comunicação exclusiva para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e doenças do desenvolvimento relacionadas. Trabalha com uma figura de um item desejado para um "parceiro de comunicação“. O sistema ensina a discriminação de figuras e como juntá-las formando sentenças.
- DIR/Floortime: Método que permite a criança construir círculos de interesses com a ajuda do professor.
- Os Jogos que aprendi no curso de associação visual, de noção espacial, resolução visual, fechamento visual, de ordem numérica, leitura e quantidade, de alfabetização e de labirinto são ferramentas assistivas que as crianças adoram e que só utilizei após as demonstrações pelos professores convidados que trouxeram muita novidade que não conhecia e utilizava.

As atividades práticas feitas e ensinadas para alunos com surdez, com deficiências cognitivas são experiências que não havia visto em nenhum outro curso de tecnologias assistivas que já participei.

Passei a utilizar o Avatar que aprendi a fazer no curso, a produzir material acessível de apresentação, a fazer manual "passo a passo", a criar material em alto relevo, para alunos que utilizam o tato e a percepção sensorial para aprenderem.

Achei incríveis as possibilidades de uma ferramenta, o Issu, para criar e elaborar minhas aulas de forma ideográfica mais profissional e bem mais interativa e interessante, o que repercute na aprendizagem e na qualidade do material didático.

O Hand Talk me auxilia para comunicar com alunos surdos, e me permite gravar em Libras as aulas, o que me permite envolver e conversar alunos surdos. É uma ferramenta que passei a utilizar após este curso.

Aprendi um pouco de Braile e de libras, o que irá possibilitar uma melhor comunicação com meus alunos.

No módulo, História da Inclusão no Brasil, tivemos acesso a vários conteúdos que nos permitiram interagir e aprender com a evolução histórica da inclusão no país e suas aproximações e desafios com a educação. Apresentaram-nos um Guia da Legislação Inclusiva Brasileiro, diversas leis e também políticas públicas inclusivas que têm melhorado a forma de nós, sociedade, permitir que mais pessoas com deficiência tenham mais dignidade e direitos respeitados. Fizemos atividade de percurso que refletimos e compartilhamos ações enquanto profissionais da inclusão, assim muitos profissionais envolvidos tiveram a oportunidade de escutar histórias de outros profissionais e aprender efetivamente uns com os outros.

Aprendemos sobre inúmeras ferramentas que permitem a possibilidade de melhora na acessibilidade das pessoas durante o curso. As discussões conceituais sobre os fundamentos e sobre os estudantes, público alvo da educação especial, foram bem interessantes, com convidados, professores doutores e PhDs na área da educação inclusiva que nos contaram e mostraram ferramentas assistivas que podemos utilizar com nossos alunos com deficiência para aperfeiçoar e tornar mais efetivo e confortável o aprendizado do público da educação especial.

Fomos agraciados com este curso maravilhoso, que nos permitiu repensar e reconfigurar nossas ações na educação especial e inclusiva.

Só agradeço a todo conhecimento e experiência vivenciada neste curso, especialmente aos professores convidados e às professoras Marlene, Ruth e Ilma, pessoas maravilhosas, profissionais e muito empáticas conosco, os cursistas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Clayton Carlos de Oliveira Santos

Durante o curso, tive contato com diversas propostas de ensino e de atividades que oportunizam a todas as crianças de uma turma participar das atividades escolares, possibilitando um trabalho inclusivo.

Pelo fato de no momento estar atuando de forma remota e não atender em minha turma, crianças com necessidades educacionais especiais, não tive a oportunidade de construir todos os materiais apresentados, mas vou elencar alguns pontos em que percebo que têm relação direta entre meu trabalho e a inclusão.

Pra iniciar, gostei muito do livro tátil, que possibilita o contato e a experiência da criança ao ouvir uma história e sentir a textura e a forma dos personagens. Não tenho em minha turma crianças com baixa visão, no entanto, ao trabalhar com educação infantil, faz-se importante trabalhar também a textura, formato e cores dos objetos, oportunizar o contato das crianças com diferentes materiais. Pretendo montar um livro tátil para o trabalho presencial, uma vez que atualmente estou atuando de forma remota, e possibilitar essa experiência às crianças.

Percebi também e estou buscando me adaptar quanto à construção de documentos inclusivos, uma vez que no trabalho remoto, é preciso construir orientações para que as famílias possam desenvolver as propostas de atividades, e me chamou atenção para o fato de que eu, ao construir os folhetos com orientações, sempre o fiz fora desse padrão, não levei em consideração que dentre as minhas crianças, alguns pais podem ter baixa visão, podem ser disléxicos, TDAH, TEA e não conseguirem compreender as informações enviadas. Com o conhecimento construído aqui no curso, estou em busca de adaptar meu material para que todos tenham acesso de qualidade.

Ainda não foi possível, mas está em fase de organização uma proposta para trabalhar com as crianças, uma videochamada com uma visita virtual a um museu ou artista, escolhido pelas crianças, no Google Art&Culture, recurso que descobri no curso e fiquei encantado. E percebo que pode contribuir muito com o desenvolvimento das crianças, despertando nelas o interesse e o gosto pela cultura, pela arte, pela música.

Quase me esqueço, tenho utilizado bastante o YouTube como ponto de apoio as minhas aulas, utilizo para postagem dos vídeos instrucionais ou de apoio para o desenvolvimento das propostas de atividades.

Inicialmente este relato seria para anexar as propostas da Caixa Surpresa, no entanto ao longo do desenvolvimento do mesmo, percebi que o mesmo já se encaixava na proposta de outra atividade. Portanto, destaco que este vem a complementar o material que enviei na Caixa surpresa.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cleni De Deus Almeida

Sou Licenciada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Gestão Escolar, trabalho na área da educação há nove anos. Atualmente, ministro aulas em duas escolas municipais em Porto Velho – RO, ambas na educação infantil. O curso de Tecnologia Assistiva com Ênfase em Educação Especial quando enviaram no grupo de Whatsapp, falei para mim mesma que era a chance de que tinha para inovar as minhas aulas remotas. E se no ano seguinte tivesse algum aluno com algum tipo de deficiência, estaria preparada, porque no ano de 2020, eram somente atividades produzidas no Word e vídeos de YouTube. E com as aulas do curso e com excelentes professores ministrando, fui aprendendo sobre TA e dando vida ao conteúdo com vários tipos de recursos nunca vistos. No ano letivo de 2021, não tive aluno com deficiência, mas inovei minhas aulas com diferentes aplicativos, como Power point, Inshot, KineMaster, Az Screen Recorder, Play games. Mas a cada dia aprendemos mais sobre TA. É só não ter medo de utilizar isso que aprendemos com os nossos professores e hoje minhas aulas remotas via Whatsapp têm minhas características.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cristine Daniella Azevedo Silva

Hoje, torna-se necessário a utilização de recursos tecnológicos para atendimento aos alunos em geral. Eu já utilizo o Jamboard que é a lousa digital com meus alunos. Realizo videochamadas e compartilho telas com atividades. Avançamos muito e continuaremos. A aluna autista se deparou com propostas renovadas de aprendizagens que despertaram o seu interesse frente ao aprendizado. Muito útil também com meu aluno com deficiência visual.

As tecnologias assistivas cada dia mais vêm sendo uma forma de trabalho necessária e insubstituível visto a necessidade dos alunos e a própria demanda da pandemia. As tecnologias assistivas têm o objetivo de viabilizar conforto, segurança e autonomia para que os alunos com deficiência tenham um aprendizado melhor e uma vida mais eficaz. Eu utilizo com meu aluno, que possui deficiência visual, a reglete, punção para ensino do braile, material em alto relevo, caixa sensorial e computador com voz para que ele possa estudar e compreender o contexto com tranquilidade. Essa medida me proporciona atendê-lo e a ele permite a compreensão do que está sendo tratado.

Torna-se de grande importância este aprendizado visto que o aluno é um ser em construção e necessita de aprendizado e aperfeiçoamento constante.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cristiane Sousa Santos

O curso despertou ainda mais o desejo de aprofundar os estudos sobre TA. Leciono na Educação Infantil, mas recebo nas minhas turmas crianças com deficiência, antes usava a TA direcionada só para essas crianças. No decorrer do curso fui aprendendo que posso melhorar a prática, oferecendo as crianças acesso a diferentes recursos, buscando a inclusão de todas/os. Infelizmente, na escola que leciono as crianças não tem acesso às tecnologias, e com a pandemia essa desigualdade ficou ainda maior. Apesar disso, estamos desenvolvendo formas de levar as aulas e atender da melhor forma possível às crianças. Estou usando o PDF interativo, para enviar jogos, gravando o passo a passo com o programa.

Uso o gravador de tela ApowerREC para orientar os familiares, produzindo vídeos com contação de histórias, orientação das atividades impressas que estão sendo retiradas na escola e destinadas às crianças. Tenho utilizado as videoconferências uma vez por semana com as crianças, momento em que fazemos brincadeiras e atividades de arte. Para as crianças, que estão apresentando mais dificuldades, confeccionei um alfabeto móvel e quebra - cabeças. O curso apresentou um leque de possibilidades, que aos poucos vou testando, adaptando e colocando em prática. Acredito que todo material, aulas, contribuições dos colegas irão me ajudar, porém ainda não consegui tornar esses materiais confeccionados, totalmente inclusivos. Ainda, preciso aprimorar, estou disposta a aprender e poder promover cada vez mais uma educação inclusiva de fato.

RELATO DE EXPERIÊNCIA
MINHA VIVÊNCIA-EXPERIÊNCIA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Claudianne Figueiredo Santos Veloso

No ano 2007, iniciei o ano letivo com uma turma de 24 alunos no 2º período e tinha uma aluna com Síndrome de Down. Esses alunos, na sua maioria, nunca tinham frequentado a escola. Um desafio a mais para mim. Ter uma aluna especial na sala naquele momento foi um desafio muito grande até porque eu não sabia muito sobre inclusão e como fazer um trabalho com ela. Foi aí que comecei a pesquisar sobre inclusão e a Síndrome de Down, para poder realizar um trabalho que chegasse até essa aluna e ela se sentisse também incluída no processo ensino aprendizagem. A partir desse ponto comecei a buscar estratégias de ensino que fossem mais voltadas para o lúdico, com materiais concretos, que fossem para a turma toda, onde todos seriam beneficiados. No início deu trabalho, muitos falaram que os alunos estavam brincando muito por causa dos materiais concretos que eu fazia.

Mas não deixei isso adentrar em meu coração, continuei com essa forma de ensinar mesmo que para muitos não era assim, achavam que eu estava trabalhando demais e que não éramos valorizados por isso. Mas no momento, eu pensava nos alunos, que teriam que aprender e mais essa aluna com Síndrome de Down que também precisaria aprender de alguma forma. Com o passar do tempo, a cada dia eu via o avanço da turma e também dessa aluna. Isso era gratificante para mim. Sempre me recordo quando essa aluna repetia a minha fala “Duda tem que estudar, tem que aprender”. Com isso, eu percebia que isso a motivava a querer aprender, apesar de suas limitações, pois seus familiares relatavam que ela sempre falava “Duda vai aprender”.

Quando você olha os avanços que ela teve, não só ela, mas toda a turma, você percebe que todos os sacrifícios, confecções de materiais, valeram a pena. Olhar essa aluna identificando letras, sua fala bem desenvolvida, registrando o nome, foi o momento que me apaixonei pela inclusão e percebi que eu poderia fazer a diferença na vida de muitas crianças especiais. Isso me lembrar de uma frase de Jean Piaget, quando ele fala: "a inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer". De fato, a aluna aprendeu porque eu procurei caminhos diferenciados para que ela conseguisse aprender, sendo autora de seu conhecimento, pois todos nós somos inteligentes, uns precisam mais de estímulos do que os outros e todos podem aprender no seu tempo. E nós como professores,

podemos ser essa ponte, fazer a diferença. Ainda, segundo Piaget, o professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir, criar situações-problemas, com interações entre seus pares e professor, porque ele se preocupa com cada aluno, em cada nível de aprendizagem. E o tempo todo, eu fiz assim. No final do ano, tive uma surpresa muito grande da família que me homenageou, falando de como eu fiz a diferença na vida de Duda.

Hoje, eu sei que todos os alunos que têm passado por mim, faço a diferença, pois amo o que faço. No ano 2017, teve um processo interno para a sala de recursos com 18 participantes, só eu fui aprovada, Atualmente, trabalho em duas salas de recursos, atendendo os alunos nas diversas necessidades. E sei que preciso me aprimorar a cada dia para poder melhor atender meus alunos e fazer a diferença na vida deles. Esse período remoto, nos fez refletir como é importante amar uns aos outros e acima de tudo, compartilhar nossos conhecimentos e ajudar quem mais necessita de nós. Fazer esse curso me ensinou muito, apesar de estar em processo de aprendizagem com essas tecnologias. Ainda tenho muitas dificuldades com a tecnologia, pois está sendo tudo novo para mim. Como trabalho como professora de sala de recursos a cada dia enfrento desafios e o maior é aprender a usar essas ferramentas. Mas apesar de tantos esforços, tenho usado o celular para as videochamadas, postagens de vídeos explicativos para os alunos. Faço muito uso dos recursos feitos com materiais reciclados como jogos. Fiquei tão feliz que consegui montar o Jambord e sei que o caminho agora é esse. Com essa pandemia, tivemos que adentrar na era tecnológica de uma vez, mesmo que não esteja fácil para muitos profissionais que não sabiam nem ligar um computador. Espero que haja outros cursos nessa área. Só tenho a agradecer principalmente a professora Ilma que não quis me deixar desistir porque eu já ia entregar os pontos, mas ela me fez prosseguir. Deus abençoe a todos que de alguma forma contribuíram para que esse curso fosse realizado e ofertando a capacitação de muitos profissionais, que como eu, não tinham domínio dessas tecnologias.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE LIBRAS

Daniane Pereira

Sou Daniane Pereira. Professora de Libras e de Educação Inclusiva na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Trabalho com as disciplinas de Educação Inclusiva e Libras desde 2011. Em 2019 cursei uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Especial e Inclusiva. Antes desse curso, Curso de Formação Continuada em Serviço: Tecnologias Assistivas com Ênfase na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, possuía conhecimentos sobre alguns recursos de acessibilidade, inclusive trabalhando e elaborando recursos voltados para pessoas com deficiência auditiva/surdez e audiodescrição. Contava com conhecimentos teóricos acerca de P*ower Point* com texto alternativo e de PDF acessível. No entanto, nunca havia aprendido a fazer uso dessas ferramentas, colocá-las em prática. Foi durante este curso que a professora Ilma Rodrigues de Souza Fausto me ensinou a utilizar essas ferramentas.

Eu já havia realizado vários cursos que abordavam a audiodescrição, mas neste curso pude verificar sua utilidade e aplicação no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), pois ela havia construído o ambiente de forma acessível, além de rever conhecimentos já obtidos. Esse curso foi, para mim, a confirmação de que a aquisição de novos conhecimentos é um processo constante e permanente, que segue durante a vida.

A partir desse curso, todo material por mim construído é pensado de forma a proporcionar acessibilidade a todos, inclusive os *cards* de divulgação de eventos, atividades... todos com *link* para audiodescrição e *link* para vídeo com sinalização em Libras.

Destaco um episódio ocorrido durante o curso da professora Ilma: aconteceu de eu ser informada pela instituição em que trabalho de que teria uma aluna com deficiência visual, uma senhora de 59 (cinquenta e nove) anos, no Componente Curricular de Libras. E, graças ao conteúdo abordado pela prof.ª Ilma, fui capaz de planejar aulas e elaborar materiais de forma a possibilitar a acessibilidade a ela. Nas aulas ministradas nesse componente, na UFSB, os *slides* foram montados com texto alternativo, uma apostila de Libras, toda com sinais (imagens), foi transformada em uma apostila em PDF acessível e os sinais foram inseridos com texto alternativo. Os sinais foram descritos de forma que o leitor de tela pudesse realizar a leitura.

Meu currículo possui diversos cursos voltados para a Educação Especial e Inclusiva, mas o Curso de Formação Continuada em Serviço: Tecnologias Assistivas com Ênfase na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva foi o primeiro em que pude ver as ferramentas/recursos sendo ensinados a ser utilizados e elaborados na prática. Foi um curso maravilhoso. Agradeço o empenho e a dedicação da professora Ilma, sempre disposta a compartilhar saberes. Sou grata de coração. E manteremos contato para futuras parcerias aqui na UFSB. Muito obrigada!

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE ESCOLA ESPECIAL

Dalva Maria Seewald de Carvalho

Sou professora de uma escola especial na cidade de Porto Velho- RO e no período de 2005 a 2020 atuei no laboratório de informática utilizando tecnologias assistivas para estudantes com deficiência. Minha atuação neste período foi pautada em buscas de TA (Tecnologias Asssistivas), devido a carência de materiais nesta área, iniciei com pendrive nas mãos, indo nas escolas que atendiam estudantes com deficiência, e assim consegui montar um arquivo com softwares e materiais para atendimento, onde neste decorrer muitos professores de outras escolas foram em busca desse meu acervo de materiais. De todas experiencias vividas na utilização da TA, a mais foi a utilização do software educativo chamado de “Participar” que foi apelidado pelos estudantes de o jogo do Tonico. Esse software é uma ferramenta pedagógica que tem por objetivo alfabetizar jovens e adultos com deficiência intelectual e ampliar a comunicação alternativa por meio do uso de computador. O programa dispõe de uma galeria de gravuras, associadas as palavras, com um sintetizador de voz que reproduz o som das letras e das palavras na fala do personagem Tonico que tem síndrome de down.

Para conhecer mais sobre software acesse: http://www.projetoparticipar.unb.br/deficiencia-intelectual/participar2 Durante o período de 2018 e 2019 desenvolvi o projeto de leitura utilizando esse software com estudantes com deficiência intelectual e autismo, onde pude perceber o avanço significativo no processo da leitura e escrita das palavras pelos estudantes. Algo que me chamou bastante atenção, foi de uma estudante com deficiência intelectual que numa reunião de pais, foi dar um depoimento sobre sua aprendizagem na escola e a mesma citou que gostaria de agradecer ao “Tonico” que ensinou a ler e escrever.

E os presentes na reunião ficaram perplexos pelo seu depoimento, no caso de um software ser uma ferramenta de aprendizagem. Em seguida, juntamente com a estudante entrou-se em contato com a equipe de software e escrevemos uma carta de agradecimentos ao Tonico, e esse prontamente respondeu com elogios a estudante. Vale ressaltar que a partir desse depoimento muitos estudantes passaram a querer frequentar o laboratório de informática para estudar com o famoso “Tonico”. Em relação ao estudante com autismo, que estava em

processo de alfabetização, o software possibilitou avançar no processo de aquisição escrita, e quase que diariamente procurava o laboratório pois queria terminar de aprender a escrever as palavras. Esse estudante permaneceu na instituição durante 1 ano e foi para escola inclusiva alegando que software possibilitou avanço na sua aprendizagem. Vale ressaltar que além desse software Participar, também foi utilizado o dosvox que é para pessoas com deficiência visual, para facilitar no processo de alfabetização dos estudantes com deficiência intelectual.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE DE UM COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Dalila Camelo Blanc Rettich

Sou Dalila Camelo Blanc Rettich, trabalho como docente em Língua Portuguesa do Colégio da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Uma Instituição de ensino nova, com apenas três anos de inauguração, não apresenta estrutura física e profissional pertinente aos preceitos estudados nesta formação continuada.

Iniciei essa especialização quando um aluno autista ingressou por meio de concurso no ensino militar e percebi a dificuldade que tive em lidar com todas as características do transtorno. Fiquei perdida, muitas vezes, em não saber como cessar os barulhos estereotipados, tão pouco como agir em situações que requeriam interações e comunicação em grupo.

Após ter iniciado esta formação, percebi o desconhecimentos sobre leis e diretrizes importantes, que buscam ir além do incluir, que fazem a educação para todos acontecerem. Aprendi a lidar de forma lúdica e contemplativa com as peculiaridades apresentada pelo aluno. Passei a usar a arte e a musicalidade durante as aulas. Apesar de ser uma instituição militar, todos os alunos participaram e curtiram a aula de forma prazerosa. O que antes era passado de forma tradicional e nem sempre tinha uma visão holística e individual de cada aluno, hoje observo para além da sala de aula.

Apresento em textos interpretativos assuntos de inclusão social, algumas tecnologias assistivas como quebra de paradigmas. Forneço trabalhos em grupos, voltado para a vivência de cada aluno, sendo essa transdisciplinaridade vivida na sala de aula, buscando auxiliar e causar reflexão.

De forma geral, essa formação continuada além de provocar avaliação de minhas metodologias educacionais em sala de aula, me fez transformar e reavaliar como e o que ensinar, valorizando além da aprendizagem da matéria ofertada durante o ano, mas também o respeito e empatia pelo próximo.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA ESPECIALISTA EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª LÍNGUA PARA SURDOS

Edivânia Floro Nicácio Almeida

Entendemos a escola como um espaço muito importante na formação dos sujeitos em todos os seus aspectos, é um lugar de aprendizagem, trocas de conhecimento e singularidades, objetivando atender a todos sem distinção a fim minimizar os fracassos escolares, as discriminações e consequentemente as exclusões. O curso de extensão em Formação Continuada ofertada pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do IFRO – Ji-Paraná foi um divisor de águas em minha prática docente, pois tanto as tecnologias digitais quanto as tecnologia assistivas apresentadas proporcionaram uma aprendizagem ímpar.

O que mais me chamou atenção no curso, além do alto nível dos professores participantes desse processo, foram as ferramentas de acessibilidade e inclusão, independentemente de serem assistivas ou não, pois mesmo sem pertencerem a TA, muitas vezes ocupam esse papel. Como exemplo, o Google Docs que pode ser usado de várias maneiras para facilitar a prática docente e a vida da pessoa com deficiência. Outros aplicativos foram apresentados como o Play Games que assume a função de gravador de tela para aulas remotas e até então era visto apenas para entreter.

Outro ponto importantíssimo desse curso, entre tantas aulas ricas em ensinamento e aprendizagem, foi a aula expositiva sobre como construir materiais em PDF e slides acessíveis até então desconhecidos por mim. No mais, a minha experiência como professora da Educação Básica na escola pública iniciou em 2019. No ano em curso, deixei de atuar na sala de aula que tradicionalmente usava metodologias tradicionais para trabalhar com as tecnologias digitais e a tecnologia assistiva na perspectiva inclusiva que exige outro tipo de abordagem, ou seja, os métodos convencionais de ensino (como o livro didático, quadro/giz) foram substituídos pelos computadores entre outros recursos tecnológicos de informação e comunicação (TIDCs).

Frisa-se que o uso das tecnologias digitais na perspectiva inclusiva requer um planejamento e aplicabilidade elaborados para alcançar todos os alunos sem distinção, inclusive os estudantes público alvo da Educação Especial que frequentam a sala a qual leciono. Na sala multimídia, o aluno aprende na prática, quer dizer, utilizo jogos educativos e agora os documentos acessíveis aprendidos no curso para incluir, estimular e potencializar a aprendizagem desses estudantes. Esta prática é desenvolvida também por meio outras tecnologias como vídeos,

slides. Essa proposta é correspondente às disciplinas que estão sendo estudadas na apostila, e quando necessário utilizamos também filmes didáticos para complementar o estudo.

O foco, da sala multimídia é trabalhar com games digitais educativos como ferramenta de ensino para complementar as disciplinas da grade curricular do ensino fundamental I. Frisa-se que também nos foi apresentado como criar jogos, com isso a profissional em tela também é pedagoga e especialista em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial, e vai usar no cotidiano tudo que absorveu no curso, uma vez que colaborou para ativar um olhar crítico no que concerne aos alunos que assistem aula na sala multimídia, dado que temos tanto alunos comuns quantos com necessidades educacionais especiais.

Nessa direção, no local mencionado, as aulas transcorriam normalmente antes da pandemia no período vespertino, nesse lugar tem mais de trinta computadores conectados à rede, isso possibilita a todas as crianças matriculadas no ensino fundamental I, de 1º ao 5º anos, o contato com as tecnologias, já que, essa não é uma realidade presente nas casas de todas as famílias brasileiras. A aula era de cinquenta minutos para cada turma, eram abordados temas correspondentes aos conteúdos da sala regular/apostila, só que ao invés de quadro e giz métodos tradicionais consagrados na educação brasileira, usávamos as mídias digitais, pontualmente os jogos digitais que estão disponíveis em sites gratuitos para essa finalidade, como por exemplo: Escola Games, NOAS entre outros.

Destaca-se que, quando comecei aplicar os games para os educandos com e sem deficiência, percebi o interesse dos estudantes por essa metodologia de ensino, não só os alunos sem deficiência, mas também os estudantes com transtorno do espectro autista (alguns se comunicam e outros não). Desse ponto em diante, observou-se empiricamente como o jogo digital educativo podia favorecer a aprendizagem desses estudantes. Nesse sentido, considerando a necessidade de incluir esse público nas aulas de aprendizagem digital, partiu-se para um planejamento pautado nas metodologias ativas, buscando estabelecer relações entre a aprendizagem, jogos digitais e os conteúdos da apostila, e, por conseguinte, explorar o potencial desses aprendizes frente às tecnologias da informação e comunicação (TDIC), com intuito de auxiliar a aprendizagem e autonomia desse sujeito concomitantemente ao ensino regular.

Vale-se ressaltar que a sala multimídia tem por objetivo complementar e suplementar as disciplinas da grade curricular ofertadas para esses indivíduos no qual estão matriculados, sendo assim, o foco da aprendizagem digital não é quantitativo, mas sim qualitativo, ou seja, avaliamos o caráter subjetivo do aluno, suas particularidades e modos de aprender individuais.

Nessa maneira, entende-se que o trabalho colaborativo entre escola e família é ponto fundamental para o desenvolvimento desse aluno, principalmente neste momento no qual a COVID-19 assola o mundo. Quando pensamos em aplicar jogos lúdicos em caráter pedagógico que favoreçam a aprendizagem dos estudantes com transtorno do espectro autista, buscamos a interação desse sujeito, no entanto por suas características peculiares nem sempre isso ocorre, mas podemos perceber que o jogo computacional desperta atenção desses educandos, a ponto de ficarem sentados, com olhos fixados na tela, e vez por outra, esboçam sorrisos, apontam para a tela e olham a sua volta sem nada dizer com palavras, de acordo com as palavras da responsável (mãe) “ela adora os joguinhos e aprende”.

Uma aluna com TEA, demostrou avanços em sua aprendizagem quando apresentados os jogos para alfabetização, quando foi perguntado pelas letras das vogais, ela as reconheceu apontando, isso também ocorre com relação a alguns números e cores, o que nos mostra que com paciência e estímulos alguns estudantes TEA, podem aprender e participar das atividades escolares ministradas na sala regular. Assim, diante dos fatos brevemente apresentados, esperamos contribuir para as discussões sobre a aprendizagem dos alunos com transtorno do espectro autista – TEA, bem como os demais alunos, que a partir dessa interação entre o aprender e lúdico, apresentam bons resultados no seu dia a dia, estudando com disciplina e responsabilidade, contudo sem deixar de lado o ser criança que é fundamental na formação do sujeito.

Vale salientar, que a responsabilidade de alfabetizar esse sujeito é uma tarefa conjunta, articulada entre professores tanto do atendimento educacional especializado quanto da sala regular, contudo, o que observamos é que alguns educadores transferem essa incumbência exclusivamente para o docente da sala de recursos multifuncionais. Diante disso, precisamos pensar a escola como um lugar que possibilita o desenvolvimento cognitivo, intelectual e social dos sujeitos, mas para alcançarmos esse objetivo precisamos da colaboração de todos os envolvidos nessa ação, assim estaremos contribuindo também para a superação das barreiras atitudinais que muitas vezes são maiores do que as físicas.

Assim, diante de tudo que foi apresentado, deixo meu depoimento como multiplicadora de tudo que aprendi, posso afirmar que esse curso mudou a minha prática docente e também atitudinal, pois diante de tantos recursos disponíveis é impossível não fazer a diferença nas vidas dos nossos estudantes com ou sem deficiência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Fabiana Muniz de Oliveira

Como professora de educação infantil, berçário sem alunos com deficiência, em atendimento remoto nada posso relatar. Como agente de apoio à inclusão no começo do ingresso dos alunos com deficiência no ensino regular, utilizamos e tínhamos na unidade alguns dos materiais demonstrados neste curso: colmeia de teclado, copos e talheres adaptados, Dosvox, máquina de braile, reglete, e outros materiais pedagógicos confeccionados por nós agentes para garantir ao máximo a participação em todas as atividades e demais como todos os alunos. Mas materiais concretos, computador, celular, tablet, internet era uma realidade impossível para a época. Contávamos com a professora de AEE da unidade escolar, psicólogo, fisioterapeuta e fonoaudiologia da rede municipal da educação para nos orientar a melhor forma de atender os alunos, realizar sondagem de alunos suspeitos e a família destes alunos com deficiência. A inserção destes alunos no ensino regular foi uma construção de novas ideias na equipe escolar, funcionários não queriam se envolver, professores não entendiam o porquê desta inclusão e não acreditavam que poderiam ter qualquer nível de aprendizagem para eles, alegando que deveriam permanecer em escolas especialistas em suas deficiências. Muitos atribuíam aos alunos com deficiência, como os agentes de apoio e demais funcionários da escola, sentimento de pena ou medo demais, mas dificilmente preconceito. Enfim, encontrei nos meus cinco anos de experiência relutância enorme por parte dos professores em utilizar materiais adaptados, ou mesmo os comercializados. Neste curso, meio que entendi este medo, descobri que não sei realmente nada deste mundo, não explorei direito nenhum dos app, afinal há quantos anos utilizei o Word e nada sabia, procurei mexer em todos, mas basicamente, este curso foi formidável, plantou e semeou a semente, muito terei que fazer para florescer. Pois como agente, decidi fazer faculdade de pedagogia porque sonhava em fazer mais, mudar e melhorar a qualidade da inclusão, difícil ainda, mas um pouco menos a cada passo deste curso.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Albertina Garcia

Como professora de educação especial, principalmente no AEE, quando haviam equipamentos adequados, sempre me chamou a atenção como os recursos digitais chamavam e atraiam os estudantes público-alvo da educação especial, assim como também os demais estudantes.

Agora durante a pandemia, uma série de recursos tornou-se fundamentais para que todos os estudantes tivessem acesso aos conteúdos escolares. Assim, no ensino remoto, a mediação que conta com a tela, seja de celular, computador ou tablet, para acessarmos nossos estudantes nos desafiou a buscar e aprender a utilizar recursos até então desconhecidos. O ensino remoto também escancarou as desigualdades econômicas e sociais, mostrando ser um grande desafio para a escola garantir o acesso a todos, esforçando-se ao máximo para não deixar ninguém para trás.

Durante este curso promovido pela IFRO, tenho buscado me aprofundar no uso de recursos da Tecnologia Assistiva, principalmente relacionados à comunicação alternativa, como exemplo, estudando mais sobre o Arasaac. Alguns recursos serão preparados para o uso em sala de aula, tais como, material físico de CAA vasado que utiliza a manifestação visual do estudante. Ainda no ensino virtual, posso indicar a criação de atividades de forma lúdica no Wordwall, por meio do jogo de forma mais lúdica, elaborei um jogo com caixas de perguntas. Posso indicar ainda o Padlet, Mentimeter, Recursos Google.

Sobre os recursos do Google, explorei alguns também, como por exemplo, utilizei o Google Earth. Fiz um projeto partindo da casa do estudante, passamos por alguns países de interesse. Nessa linha, aprendi usar outros aplicativos Google como documentos e apresentação, utilizando recursos de acessibilidade.

Para tornar videoaulas mais interessantes, tenho usado Canva e o H5P. Estes recursos são solução para deixar os vídeos mais atrativos. Com o H5P, por exemplo, criei um vídeo interativo com um vídeo base do YouTube. A partir dessa adaptação trabalhei no AEE atenção, interpretação e dicas para organização de estudos.

Tendo em vista todos os aspectos apresentados, gostaria de destacar que conheci aqui, vários recursos que me ajudaram e ainda ajudarão a tornar minhas aulas mais interessantes na interação e vínculo com nossos estudantes. Dadas as condições do trabalho remoto e grande demanda de trabalho ainda gostaria de ter

explorado mais recursos indicados aqui, os quais certamente explorarei com mais calma posteriormente. Além disso, o referencial teórico tem me ajudado a refletir sobre a educação inclusiva e a possibilidades de intervenção.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gessica Aparecida Pereira de Melo Lemos

Sou professora de Educação infantil e não trabalho diretamente com alunos alvo da educação especial, mas durante minha trajetória escolar já tive uma aluna com deficiência auditiva, um com deficiência física e dois autistas. Antes de iniciar esse curso não tinha muitos conhecimentos sobre a Educação inclusiva, portanto, me sentia um pouco perdida de como trabalhar com esses alunos, me sentia muitas vezes incapaz, pois queria que essas crianças tivessem as mesmas oportunidades que as outras crianças. Mas agora tenho um novo olhar sobre a educação especial, sei que se tiver alunos com alguma deficiência, com os conhecimento adquirido vou poder desenvolver um trabalho com muito mais autonomia, e tornar a aprendizagem delas mais significativa de modo que inclua a todos, pois aprendi nesse curso que qualquer pessoa é capaz de aprender alguma coisa, basta trabalhar com as práticas e metodologias certas e ter força de vontade ao ensinar.

Aprendi que com a tecnologia assistiva há muitas possibilidades de aprendizagem e formas de ensinar. Nesse curso, pude aprender muitas delas que sem dúvida, será imprescindível na minha prática em sala de aula. Temos diversas ferramentas que podem nos auxiliar durante o ensino aprendizagem, basta escolher aquela que se adapta as necessidades de cada aluno.

Portanto as tecnologias assistivas em sala de aula vem pra somar, pra agregar conhecimentos e auxiliar os professores no aprendizado dos alunos que possuem alguma dificuldade de aprendizagem ou alguma deficiência. São inúmeras as possiblidades, desde as grandes tecnologias, até as mais simples que podem ser confeccionadas com material reciclável, o que importa é que ela seja útil e auxilie na aprendizagem. O curso me despertou um grande interesse na área de educação inclusiva, por isso pretendo continuar estudando para me aperfeiçoar cada vez mais.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Juliana Teotônio De Melo

Tirar proveito de momentos ruins para o mundo como nesse período de pandemia parece ser algo bizarro, mas foi durante esse momento que pude participar de forma assídua desse curso e aprender sobre TA que me ajudou a dar outra vida as minhas aulas e não só mandar uma atividade realizada de forma simples no Word ou enviar vídeos sem algum tipo de edição. Percebi que poderia fazer minhas aulas aliadas às diferentes tecnologias, usando dos recursos nunca vistos por mim e poder juntar todos eles em uma só aula, dando mais vida ao conteúdo explicado, e passar o mesmo com acessibilidade para diferentes tipos de alunos com ou sem deficiência que possuo nas três escolas da rede pública que leciono e das mais diversas classes sociais. Hoje utilizo um Avatar com as minhas características, dando voz e ensinando através de diferentes aplicativos, como Avaton, Bitmoji, Wordwoll, Power point, Play games, Inshot, Kinemaster, e o recente Issuu e todos eles posso mostrar através das plataformas que utilizo para as aulas virtuais como Google Classroom, Google Meet, Whatsapp, Telegram. Aprendi a colocar um QR code, algo que parecia sem utilidade para mim, mas que facilita na hora de transmitir o conhecimento e enriquece o trabalho. E o que achei mais interessante é que posso colocar tudo isso com as minhas características enquanto profissional de educação física, a forma que gosto de trabalhar com cores, criatividade e conteúdo adequado a cada faixa etária.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Leandra de Cássia Bernusso

No que tange a Aplicações e uso de Tecnologia Assistiva (TA) em sala de aula e como posso avaliar o estudante público alvo da Educação Especial na escola para todos (EPAEE), posso explanar a respeito de algumas experiências pessoais no decorrer de minha vida profissional como docente da Educação Básica.

Primeiramente, quero lhes dizer que esse exercício, fez-me lembrar sobre a narrativa do Mestre Robson André Santos, na qual ele explanou sobre o seu currículo no período de sua escolarização, começando da Educação Básica, Ensino Superior e Curso de Pós-Graduação. Sobre isso, posso afirmar que tive a oportunidade de me conscientizar sobre a importância da mudança de metodologia de ensino adotada pelos professores durante o processo de ensino de um EPAEE.

Em minha jornada docente, lecionei para vários estudantes EPAEE (surdos, cegos, disléxicos, autistas (TEA), com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e físicos), além de crianças com dificuldade no processo de aprendizagem.

Sabia que a forma de se abordar os conteúdos curriculares e como me relacionar com eles deveria ser mais personalizada. Mas por ser eu apenas uma docente graduada, tendo em meu currículo de licenciatura e tendo a oferta de tão somente da disciplina de Libras na grade curricular, senti-me impotente em poder atuar da melhor possível no desenvolvimento do meu processo de ensino e aprendizagem para esse público. Fiz alguns cursos de formação continuada, mas aparentemente superficiais quando comparados à grandeza de informações, conhecimentos e conscientização proporcionados nesse curso promovido pela IFRO.

Acredito que se eu pudesse retroceder, hoje eu teria muito mais subsídios para intervir com qualidade nas minhas práticas pedagógicas com esse público EPAEE, e, quem sabe, poder transformar a realidade dessas pessoas, ou, pelo menos poder propiciar a oportunidade de eles virem a ser o que desejassem ser, tanto a nível profissional quanto pessoal, pois as TAs, principalmente as relacionadas às tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), diminuem as barreiras e tornam os desejos reais. Relato aqui alguns exemplos de aplicativos que eu poderia usar com a comunidade surda: Hand

Talk, VLibras, SENAI Libras, Pedius, Spread Signs, Rybená e o Librário, dentre inúmeros outros.

Um grande exemplo foi-nos apresentado, como o relatado pelo próprio Me. Robson André Santos. Além disso, hoje sabemos que as mudanças pedagógicas com o propósito de respeitar os Estudantes Público-Alvo da Educação Especial (EPAEE) na escola para todos, em suas particularidades, com os seus limites, tanto físicos como intelectuais, como também os seus conhecimentos prévios, a sua bagagem cultural familiar; e percebendo que para cada aluno pode e deve existir uma prática pedagógica (personalizada), formas de acessibilidade pedagógicas, de acessibilidade atitudinal e comunicacional, e também de recursos pedagógicos incluindo os de Tecnologia Assistiva (TA) e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que facilitem o acesso e a aprendizagem desses alunos no que tange aos conteúdos de um currículo funcional de uma proposta de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, poderão transformar vidas, não há como manter as práticas pedagógicas de um ensino tradicional praticado durante décadas por um modelo de escola exclusiva.

Portanto, sobre as indagações, posso explanar que sim, que positivamente às indagações de abertura desse Fórum e dizer que as aplicações e uso de TA em sala de aula associadas a práticas pedagógicas de cunho personalizado para o público da EPAEE poderão possibilitar o desenvolvimento da autonomia, e dar condições do exercício pleno da cidadania para que esses alunos tenham o direito de atingir os seus sonhos como qualquer outro indivíduo.

RELATOS DE UMA PROFESSORA EM UMA CRECHE PÚBLICA

Lerinada Borborema de Almeida

Meu relato de experiência como auxilia pedagógica em uma creche publica acompanhando uma aluna com Transtorno do Espectro Autista-TEA.

Buscou-se compreender as concepções teóricas do TEA e refletir sobre a prática de uma auxiliar. Nesse contexto apresenta-se o dia a dia no processo de inclusão as barreiras e o progresso alcançado. O propósito é favorecer a reflexão sobre a responsabilidade e contribuição minha como auxilia no processo de aprendizagem da aluna, posto que favorece a análise e interpretação sobre o método de organização curricular no processo de inclusão escolar das crianças autistas. O autismo é definido como uma perda da noção sobre a realidade, ocasionando inicialmente um distúrbio autístico do contato afetivo, sendo que ela tinha um grau elevado. No entanto, é fundamental um amplo conhecimento, baseado em estudos e pesquisas para que se torne possível reconhecer uma criança como autista. Abordando o relato de experiência, observa-se que não tivemos dificuldade de conseguir apoio da instituição e de professores em relação às peculiaridades do aprendizado dessas crianças, no entanto, apresenta-se a evolução embora que em pequenos passos de uma criança através da dedicação, conhecimento e qualificação do monitor responsável pelo acompanhamento. Com tudo no meu caso especifico tive a oportunidade de acompanhar essa criança por dois anos seguido criamos um vinculo de confiança. Afirmando a importância de pesquisas e a utilização de métodos de ensino que ofereçam confiança a criança, facilitando seu desenvolvimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA COORDENADORA DO NAPNE

Livia Catarina Matoso dos SantosTelles

Enquanto Coordenadora do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do IFRO Campus Porto Velho Calama, acompanho e avalio o uso das tecnologias assistivas, como também participo de um projeto que pretende desenvolver novas tecnologias assistivas, através da instalação de um laboratório IFmaker.

No ano de 2020 o NAPNE Campus Porto Velho Calama atendeu um total de vinte e dois alunos com deficiência, incluindo Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Altas Habilidades/Superdotação, Deficiência Intelectual (DI), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Asperger, Surdez e Baixa visão.

Destes vinte e dois alunos, oito foram atendidos pelo Programa de Monitoria Inclusiva, no qual também foram utilizados seis tipos de tecnologias assistivas, com a colaboração de treze alunos monitores. A atuação do NAPNE foi modificada a partir da suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de Covid-19, sendo necessária a busca por novos meios para oferecer apoio ao aluno com necessidades específicas.

Foi criada aba específica no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para os alunos que necessitaram de adaptações de atividades. Com as aulas remotas surgiu a necessidade de cada vez mais utilizarmos tecnologias assistivas através de softwares e aplicativos, tais como: aplicativos de comando de voz, legenda, funções adaptadas nos computadores pessoais dos alunos, avatar em LIBRAS e ampliadores de tela.

Com o curso pude não só aprender mais sobre como trabalhar com novos recursos, mas também aproveitei para compartilhar os materiais disponíveis com os demais membros da equipe do NAPNE e com os professores que ministram aulas para os alunos com deficiência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE AEE

Mônica Côrtes Denezine Tavares

Sou professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado) em um CAEE (Centro de Atendimento Educacional Especializado). Já conhecia algumas Tecnologias Assistivas como softwares educativos, CAA, materiais adaptados e estruturados artesanalmente, dentre outros.

Quando fiquei sabendo do Curso de Formação Continuada em Serviço: Tecnologia Assistiva com Ênfase na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva vi uma oportunidade de aprimorar os meus conhecimentos, pois nunca estarei pronta, a cada dia descubro que tenho que atualizar.

Apesar de atuar em um CAEE, não havia trabalhado com alunos surdos e cegos. Este curso proporcionou aprender muitas Tecnologias Assistivas para esse público, pois eu desconhecia a maioria dessas ferramentas.

Experimentei quase todas as ferramentas para conhecimento. Já estou utilizando algumas ferramentas acessíveis com os meus alunos como Power Point, Whatsapp, Wordwall, Kahoot, Jamboard, dentre outros.

Este curso me proporcionou conhecer as ferramentas de acessibilidade que existem no notebook que eu desconhecia.

Só tenho a agradecer as Professoras Ruth Maria Mariani Braz, Marlene Rodrigues, Ilma Rodrigues de Souza Fausto e todos os professores que doaram o seu tempo e conhecimento para ampliar minha aprendizagem.

Ficarei esperando ansiosamente, de vocês, mais cursos de excelente qualidade como este.

Se posso resumir em uma palavra esse curso é GRATIDÃO.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Michele Dias Pinto

Nos mais de vinte anos de atuação como docente, dos quais onze têm sido dedicados ao AEE, o estudo e a aplicação da TA tem feito parte da minha vida. A cada novo caso, a mente pipoca de ideias, pois há sempre muito que fazer.

Um dos mais intrincados casos que acompanhei foi o de uma menininha com Incapacidade Motora cerebral decorrente de Paralisia Cerebral. Ainda lembro-me da primeira vez em que a vi. Mais parecia uma boneca de pano pendendo do braço da mãe, com um sorriso lindo, daqueles que saem pela boca e pelos olhos. Lembro-me da acolhida da mãe chorosa que ouviu do médico (uma autoridade) a sentença dolorosa de que sua menininha nunca andaria ou falaria então era melhor cuidar dela, mantendo-a alimentada e limpa. Lembro-me da gestora da secretaria e eu enchendo aquela mãe humilde de esperança. Lembro-me da batalha com a gestora e a lactarista da creche que temiam um engasgo e queriam manter a alimentação pastosa, enquanto eu afirmava categoricamente que ela já conseguia se alimentar como os outros, inclusive com pouca ajuda e um suporte postural improvisado com almofadas; senão como falaria? Lembro-me da luta com a profissional de apoio escolar para trocar o carrinho de bebê pela cadeira de rodas com uma calça almofada como suporte postural, porque ela não era mais um bebê. Lembro-me da berçarista, também tão sorridente até com os olhos, que brincava deitada de pedalar e tesourar com as pernas estimulando nossa menininha e teve a alegria de vê-la virar-se sozinha pela primeira vez. Depois, o êxtase em presenciá-la se levantar e sentar. Foi um dia e tanto! Lembro-me da alegria dela em sentar na caixa de areia e brincar com os amigos, depois no balanço. Lembro-me do andador de argolas (parecia aquelas argolas de ginástica).

A menininha evoluiu. Hoje, aos seis anos anda, fala frequenta a escola e mantém o sorriso até no olhar. Isso foi possível devido ao uso de TA.

Como professora de AEE, participar deste curso foi um marco importante e significativo porque me permitiu rever alguns conceitos e construir outros tantos. Além de, é claro, me atualizar quanto ao desenvolvimento e uso de TA.

Cada módulo trouxe uma contribuição ímpar à minha prática pedagógica. Com o repertório em ampliação crescente através das ferramentas apresentadas pelo curso, espero enriquecer meus fazeres docentes e propiciar aos estudantes

que acompanho processos inclusivos cada vez mais personalizados, genuínos e significativos.

O transcorrer do curso para mim foi difícil. Além da rotina de trabalho no AEE em duas jornadas no formato remoto em home office (na verdade, "muié" office onde a dureza é bem maior, acredite); tive que lidar com o autismo de meu esposo recém-diagnosticado aos 35 anos, da minha filha cujo diagnóstico foi aos 16 anos e do meu bebê que ganhou um laudo aos dois anos e quatro meses. Em meio às ansiedades causadas pela pandemia, às atividades laborais, domésticas, acadêmicas e tantas outras (afinal, a sobrecarga tem seus ônus, mas nada que o psiquiatra e um bom antidepressivo não resolvam, enfim vida que segue); decidi lutar para concluir este curso, para em meio às minhas circunstâncias tirar o maior proveito possível dele. E como foi bom! Como tem sido gratificante ampliar o olhar. Gratidão me define quanto a todos os ganhos que tive com este curso. Espero de coração que ele se torne permanente nesta instituição, com edições sucessivas para beneficiar ainda mais professores e professoras com esta oportunidade maravilhosa de aprender sempre mais.

O que mais me ajudou a permanecer focada no curso foi a organização e apresentação dos conteúdos no AVA. A geração de expectativas foi essencial. Parabéns à professora Ilma e demais envolvidas na realização deste curso.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Cleonice Frota de Souza Morais

Já trabalho como professora de A.E.E. há algum tempo, pois em 2010 tive a oportunidade de trabalhar pela primeira vez, percebi o quanto me identificava com o público da educação especial, sempre procurei tecnologias assistivas para complementar o trabalho pedagógico e fazer a diferença na rotina escolar do aluno com limitações. Desde adaptação materiais escolares até adaptação curricular, sempre tive a preocupação em atendê-los de forma mais visual, através de imagens e notei o quanto isso fazia a diferença no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Depois que comecei a fazer o curso de Tecnologias Assistivas aprendi uma gama de tecnologias que fico ansiosa para aplicar e já faço uso de muitos como: Atividades no Jambord, no formulário Google Drive, no Power point com acesso de tecnologias, Kahoot, e entre outros mais...

A gratidão é imensa por ter tido essa oportunidade, não fui mais presente nas rodas de conversa porque infelizmente fui acometida em estado muito grave da COVID-19, e por esse motivo minha interação é apenas por mensagens, porque ao falar, fico tossindo e com muita falta de ar. Já faz cinco meses e ainda sigo em tratamento e faço uso de medicação. Estou asmática pós-covid. Mas sinto que irei superar tudo isso e voltar minha vida ao normal, creio.

Trabalho em *Home Office* fazendo adaptação de conteúdo para alunos público da sala de A.E.E., do 6º ao 9º ano. Em diversas disciplinas, algumas atividades em forma de jogos acessíveis por link para serem acessados até via celular. Sou otimista e sei que ainda irei contribuir em muito para a aprendizagem de meus alunos através de diversos recursos que aprendi a utilizar através desse curso maravilhoso.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maristela Bonim

Na educação, a inserção das tecnologias com seus novos modos de aprender e ensinar, seus equipamentos, linguagens, valores éticos e estéticos, vem sendo abordada quase sempre do ponto de vista dos professores. O sucesso escolar está intimamente associado à qualidade da educação oferecida, que se reflete tanto no que diz respeito ao percurso dos alunos na escola, como nas aquisições de conhecimentos, habilidades, valores e hábitos.

Trabalho numa escola de periferia, dentro de um contexto sociocultural e econômico desfavorável e abaixo da média, a escola atende crianças do Pré ao 5º ano. No ano de 2019/2020, trabalhei com a turma do 4º ano (2019) com 30 crianças e 5° (2020) com 25 crianças, dessas um era autista, grau severo (nível 3), três com TDHA.

Autismo grau três: Quem tem esse grau de autismo precisa de muito suporte, cuidador, materiais adaptados, diversidade de atividades e muito respeito aos tempos de acomodação de cada criança. Pois apresentam déficits de comunicação graves. Têm dificuldade nas interações sociais e capacidade cognitiva prejudicada. Isolam-se e podem apresentar alta inflexibilidade de comportamento.

TDAH (tipo desatento): Este grupo é caracterizado por aspectos conhecidos pela maioria das pessoas, tendo a desatenção um dos pontos mais lembrados. Mas não é somente isso: percepção de passagem de tempo, dispersão em tarefas que exigem grande concentração, distração, entre outros. Além disso, vale salientar que as características são muito mais comuns que se pode imaginar. Vejam quais são elas: dificuldade para se concentrar em aulas, livros e palestras (geralmente, as pessoas acometidas pelo TDAH tipo desatento não terminam a leitura de um livro; ou só quando o assunto desperta total interesse). A pessoa se distrai com qualquer estímulo externo (barulho, objetos, imagens). Dificuldade de se organizar, tanto objetos de seu cotidiano como a própria noção de tempo. Distração em conversas. Outros.

TDAH (Tipo hiperativo-impulsivo): Este grupo, por sua vez, é marcado pelos sinais que caracterizam o jeito mais agitado de ser. Uma pessoa que é diagnosticada com TDAH hiperativo-impulsivo, geralmente, é aquela que pode perturbar o ambiente a que está inserida, como a sala de aula, por exemplo. Outras características que podemos trazer ao artigo é a inquietação, impaciência

em ouvir uma pessoa e para muitas coisas que necessitam de tempo; e mais: Gosto por falar (muitas vezes sem algo objetivo, sem um foco). Temperamento explosivo, tendência a vícios (bebidas, drogas e jogos). Intolerância a erros (cometidos tanto pela pessoa quanto por outros).

Essas crianças me fizeram repensar a minha prática, minha práxis e voltar a estudar, buscar novas maneiras, metodologias para me aproximar deles. Reorganizei o espaço da sala de aula para que eles estivessem sempre junto com os colegas. Utilizei bola de pilates encaixada num pneu grande e envolta em tecido laica, onde eles se sentavam e utilizavam para se autorregular. As mesas continham tiras largas de câmara de pneu, amarradas nos dois pés da frente da mesa, para que eles balançassem os pés e conseguissem se concentrar.

O desafio maior era o autista, pois só conseguia gritar no princípio, porém aos poucos ele foi entrando na rotina estabelecida na sala onde todos participavam e ninguém ficava de fora. As atividades de pareação, seleção, separação, contação de história, era muito significativo para a criança, pois ele percebia que todos faziam a mesma atividade que ele.

As crianças com TDHA, também tinham atividades, objetos e mobília adaptada para que conseguissem se concentrar e alcançar, dentro das suas limitações, o acerto.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE ARTE

Ozeli Bazilio da Silva

Sou professora na disciplina de Arte, trabalho com alunos de 6º ao 3º ano do Ensino Médio. Antes disso, trabalhei como auxiliar de limpeza em uma escola da zona rural, e foi através desse primeiro trabalho que tive um dos primeiros contatos com alunos que tinham algum tipo de deficiência, criando até mesmo um vínculo de amizade. Nesse emprego, observei que a forma de ensino para esses alunos era muito rasa, onde não havia muito aprofundamento na aprendizagem.

Quando comecei a lecionar, obtive mais aprofundamento na forma de ensino e experiência com esses temas. Entretanto, observava que a forma de ensino continuava sendo rasa para esses alunos. Busquei formas de ser inclusiva com eles por meio da arte, e observando os alunos, percebi que alguns se expressavam muito bem pela Arte, as formas, as linhas, os pontos davam asas à imaginação desses estudantes, liberando a emoções de cada um. Não tive muito tempo de abordar mais a criatividade de cada um, pois veio a pandemia que deslocou cada um de nós para o ambiente virtual. E devido ao nosso despreparo perante o uso das tecnologias, não conseguimos explorar mais o processo criativo desses alunos.

Inscrevi-me no curso com o objetivo de aprender mais sobre as tecnologias que ajudaria no processo de inclusão e no decorrer dele aprendi diversos conteúdos que favorecerá nesse processo. Sobre tecnologias não tinha muito conhecimento, e sobre elas associadas à inclusão, menos ainda. Foi nas aulas que conheci diversas plataformas que serviriam para inclusão. Algumas dessas eram os jogos, que já utilizava, mas muito superficialmente. Por meio desses jogos, consegui aplicar meu conteúdo de forma lúdica e interativa, e o resultado foram alunos que gostavam dessa atividade, relatando até mesmo que ficavam contentes com os jogos e satisfeitos com seu desempenho. Entretanto, não tive a oportunidade de desenvolver essas atividades com alunos com alguma necessidade especial.

Sinto que esse curso foi de grande importância para todos os profissionais de educação, pois aborda um assunto que muitas vezes é abordado rasamente e também faz com que possamos ser aqueles que podem mudar o campo educacional, nem que seja apenas da onde trabalhamos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Raquel Xavier Grazzinoli

Boa noite, colegas e professoras! Inicio meu relato falando que assim que vi o anúncio do curso, imediatamente me interessei e fiz a inscrição. Quando vi que tinha sido selecionada fiquei muito feliz! O tema da perspectiva inclusiva é tudo na minha trajetória como professora e na minha vida em sociedade, é uma pauta que defendo sempre e sempre!

Trabalho em um Centro de Atendimento Educacional Especializado e tudo que foi proposto na ementa vinham atender anseios antigos e também auxiliar na realização do trabalho no momento de isolamento social.

Junto com a seleção para o curso, veio minha aprovação no mestrado da UNESP em Educação Inclusiva e isso foi um dificultador da minha participação nas aulas ao vivo, pois só tinha as noites para estudar, realizar as tarefas do mestrado e algumas coisas que o trabalho demandava. Assistir as aulas depois é interessante, porque todo material sugerido é muito rico, mas não é a mesma coisa. Em muitos dias fiquei com vontade de escrever para a professora Marlene, eu aprendi a admirá-la demais!

Muitas aulas mudaram meu modo de pensar, eu aprendi que meus recursos de PowerPoint não eram acessíveis e mudei essa prática, também falei sobre isso com amigos do Mestrado e do trabalho, então fico feliz em multiplicar o que aprendi.

Algumas aulas que assisti, falei para uma professora com quem trabalho e ela tem muita facilidade com TDICs, sendo assim tivemos momentos internos para fazer uso do Kahoot, do Jamboard e produzimos muitos materiais para os alunos atendidos no CAEE. Aprendi a usar também o Wordwall, adorei!

Na caixa surpresa, pensei em compartilhar materiais que enviamos aos alunos. Acredito que foi o melhor que podíamos produzir e foi devido às reflexões e aprendizagens proporcionadas nesse espaço formativo.

Agradeço imensamente as oportunidades, mesmo que não tenha sido de forma síncrona. Agradeço todo material disponibilizado, baixei todos e salvei num drive, conforme a professora Ilma orientou.

Alguns materiais me auxiliaram a realizar tarefas do mestrado e outros me ajudaram no trabalho com as escolas da rede municipal que trabalhamos, inclusive, o texto "A escola justa" virou tema de reuniões pedagógicas. Todo material foi rico demais!

Pude me matricular em cursos e palestras, seminários, tudo anunciado nesse espaço. Inclusive, até apresentei trabalho em um Seminário, logo foi muito produtivo tudo que vivenciei neste curso do IF.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INSPETORA DE ALUNOS

Rafaela Costa da Silva

Sou servidora da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, enquadramento funcional: Inspetor de alunos. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2018), com habilitação em Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, com ênfase em Didática, pelo Instituto Federal Rio Grande do Norte - IFRN (2019). Pós-graduanda em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES. Atualmente exerço a função de coordenadora de turno no Colégio Estadual Euclydes Paulo da Silva, executo atividades que me permitem estar próxima dos fazeres pedagógico. Atuei como pesquisadora/bolsista da Iniciação Científica no Projeto de Pesquisa: Evasão, retenção e permanência nos cursos à distância pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, no período de 2017 a 2018.

Atuando como servidora da educação pública estadual desde 2014, observo o aumento do número de EPAEE na escola que trabalho e a falta de recursos para promover o desenvolvimento desses alunos. Muitos desses discentes vêm da rede municipal de ensino, que oferece muitos recursos e assistência especializada. Por orientação da Secretaria Municipal de Educação de Maricá todas as escolas da sua rede devem disponibilizar uma sala de recursos, para que os alunos que possuem laudo ou com alguma indicação pedagógica, possam realizar atividades específicas no contraturno. Além desse atendimento dentro do ambiente escolar, existe o SAREM (Serviço de atendimento de reabilitação de Maricá), que oferece diversos acompanhamentos clínicos especializados.

No ato da transferência de um aluno da rede municipal para a rede estadual os serviços clínicos e acompanhamentos são interrompidos. Muitas famílias relatam que são pegas de surpresa, pois acreditavam que as assistências teriam continuidade na outra rede, também demonstram a preocupação de que a falta da continuidade dos tratamentos prejudique o desenvolvimento dos seus filhos. A frustração dos alunos é “palpável” quando se deparam com uma realidade muito limitada, a começar pela ausência do seu “companheiro” (auxiliar que acompanha o EPAEE nas escolas municipais).

A minha grande motivação para me inscrever nesse curso foi a de continuar me qualificando, para uma futura atuação docente. Ele ampliou muito os meus conhecimentos sobre a Educação Inclusiva, conhecimentos que estão sendo aplicados no meu dia a dia e divulgados também, pois acredito que boas sementes devem ser plantadas. A partir do curso pretendo adotar permanentemente novas atitudes, minhas descrições serão feitas com mais cuidado, meus textos e apresentações serão feitas objetivando alcançar a todos, continuarei divulgando os sites e os aplicativos que conheci, entre outras atitudes inclusivas, principalmente aquelas mais simples que antes do curso em não imaginava que poderia fazer tanta diferença, para promover uma inclusão significativa.

Percebo que a maioria dos professores não opta pela formação continuada, que ofereceria a capacitação necessária para trabalhar com EPAEE, assim, as tecnologias assistivas, que seriam um suporte relevante, quando utilizadas, não são exploradas de forma significativa. É importante frisar que a minha escola não conta com orientação educacional desde 2011, o que gera insegurança nos professores, que ficam sem orientação específica. Ainda assim, dentro das poucas possibilidades oferecidas pela rede estadual, minha escola procura acolher os alunos com deficiência da melhor forma possível.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Renato Ubirajara dos Santos Botão

O curso do IFRO foi fundamental para eu entender a importância na nossa atualidade, do uso das tecnologias assistivas tendo em vista que devido à pandemia o acesso dos estudantes as escolas ficou restrito. Com isso, as metodologias de ensinos remoto e híbrido ganharam espaço no cotidiano educacional. Para atender as necessidades dos educando, foi preciso buscar novas metodologias e estratégias de ensino assim como o uso das tecnologias digitais que permitiu o acesso de alunos com deficiência aos conteúdos de sala de aula de forma que esses puderam/possam ter atendidas as suas necessidades.

As tecnologias assistivas apresentadas neste curso do IFRO permitiram que eu pudesse levar aos meus alunos a possibilidade uma participação interativa na sala de aula (presencialmente ou não), com conteúdos apresentados de forma lúdica que facilitaram a preensão dos conteúdos propostos, seja por meio de jogos, pranchas adaptadas, placas de comunicação tudo que possibilitou ao aluno se apropriar dos conteúdos de sala de aula de forma que seu aprendizado fosse garantido.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Semara da Silva Gomes

Quando me inscrevi no curso de tecnologia Assistiva, pensei que seria um curso simples, porém no decorrer das aulas percebi que nada sabia sobre inclusão, ou tecnologias que facilitavam a aprendizagem de alunos com algum tipo de deficiência. Aprendi conteúdos e vivenciei histórias que levarei sempre comigo, tamanha foram as contribuições compartilhadas em cada aula. As aprendizagens para mim significaram muito, pois durante a pandemia ficou muito difícil atuar como professora online, nada entendia de tecnologia, e com as ferramentas apresentadas no curso, facilitaram o planejamento das aulas e a troca de experiências dos colegas possibilitou uma visão diferente de dar aulas para alunos com deficiência, mesmo que não há em minha turma alunos com algum tipo de dificuldade, percebi que tenho muito a aprender ainda e que para ser um educador inclusivo é preciso acima de tudo amor.

As tecnologias aprendidas durante o curso me fizeram compreender que nada sabia a respeito de como dar aulas para pessoas com deficiência, seja ela física ou emocional. |Com isso, pude perceber que nada sabia a respeito das dificuldades que os portadores de necessidades especiais tinham. As tecnologias, que o curso me possibilitou aprender, me ajudaram a descobrir novas formas e novas metodologias assistivas que facilitam as aulas online e também presenciais. Aprendizagens estas que levarei para a vida. O curso também me possibilitou conhecer novas pessoas com suas limitações e suas dificuldades e que me auxiliaram em meu crescimento profissional, pois nada sabia anterior ao curso. Não tenho alunos com algum tipo de deficiência, mas já tive no passado e não consegui transmitir conhecimento a estes alunos devido a não ter conhecimento em tecnologias que facilitassem aprendizagem. Senti que ao assistir as aulas ministradas por professores exemplares em seu ato de ensinar, abriram novos horizontes de conhecimento e me fizeram perceber que nada podemos fazer sem eles, mas sim com eles. Pois, o ensino trabalhado através daquilo que o aluno gosta se torna mais prazeroso para ele. Ainda, o professor deve buscar novas formas de possibilitar uma educação mais inclusiva, porém para que essa inclusão aconteça, nós, enquanto pessoas, devemos enxergar nossos alunos com olhos de amor e não de autopiedade Eu particularmente senti que anteriormente via meus alunos com algum tipo de necessidade especial como pessoas diferentes e na verdade são tão normais como nós. Claro que têm suas dificuldades, mas nada

nos impede de aprender. Basta que nós educadores possamos trabalhar com atividades e materiais pedagógicos que facilitem o ensino e que possamos possibilitar aos alunos conhecimentos através daquilo que eles sabem e daquilo que eles desejam aprender como experiência deste curso. Vejo que ainda tenho muito a aprender sobre as deficiências sobre as pessoas e sobre as tecnologias assistivas na palestra, ou seja, na aula de sensibilização, senti que nada sabia, aprendi o que era empatia pelo outro e que o amor era de suma importância para que possamos atingir a inclusão de todos e para todos. Sei que há muitas dificuldades o âmbito escolar e que muitos colegas ainda têm muitas restrições em relação aos alunos com necessidades. Ainda, existem em nosso meio pessoas que pensam que esses alunos não precisam estar na escola normal, ou seja, regular e sim, em escolas especiais. É nisso que sinto dificuldades em exercer meu trabalho, pois sempre temos barreiras. No entanto, agora, percebo que existem muitas pessoas engajadas a nos ajudar. As práticas e os programas que aprendemos a utilizar no curso atualmente mudaram totalmente minha forma de atuar enquanto professora, pois anteriormente trabalhava mecanicamente minhas aulas. Elas eram simplesmente cópias de outras aulas. Hoje, procuro realizar atividades que estejam relacionadas ao mundo dos meus alunos e em suas dificuldades. Antes de planejar minhas aulas, analiso o que meus alunos necessitam aprender e busco utilizar ferramentas que possibilite a eles aquisição de conhecimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Teônia De Abreu Ferreira

Leciono na rede pública de ensino do Estado de São Paulo, aproximadamente treze anos. Quanto principiei na docência, como muito de meus pares, estreei muito entusiasmada e convicta que ser professora, era uma profissão de Fé, que os livros seriam a armadura, a espada, as palavras e o escudo a construção do discurso. Neste contexto, iniciei o ministro das aulas na 1ª. série do ensino médio, em uma unidade escolar periférica localizada na zona leste do município de São Paulo.

A sala de aula constava 33 estudantes pré-adolescentes, sendo 19 meninas e 14 meninos. Segundo a equipe gestora, a turma da 1ª série D, era indisciplinada e registravam as piores notas. Observo que já havia ouvido aquele discurso antes, quando ainda era aluna na educação básica. Narrativa aquela, que atribui a avaliação escolar a finalidade classificatória ou seletiva. Desconsiderando que o ato de avaliar tem como atenção, observar e compreender as experiências vivenciadas que o estudante traz para a sala de aula, a fim de orientá-lo para algo que lhe cause prazer, e assim, produzir o melhor resultado possível, no processo de ensino aprendizagem.

No primeiro bimestre, ministrando aulas do componente curricular História do Brasil Colonial, observei que a maioria dos alunos não prestavam atenção, circulava pela sala, se deslocando até as carteiras dos colegas para conversar e brincar, não questionavam, enfim, 70% dos estudantes mostravam-se desinteressados. Então, certo dia propus a eles que afastassem as carteiras, sentassem-se no chão, pois iríamos fazer uma roda de conversa. Nesta, listamos os prós e os contras das aulas, e propostas de torná-las mais lúdicas e interessantes. Nessa discussão, um dos alunos, Pedro (nome fictício), levantava o tempo todo e circulava pela sala, comportamento, este, que se fazia presente em quase todas às aulas. Todavia, em nenhum momento, o achei estranho, pois muitos alunos daquela turma, tinham comportamento semelhante, ou seja, além de circularem pela sala, despenteavam os longos cabelos das meninas, deixando-as muitas vezes irritadas.

Diferentemente dos outros alunos, (que ao solicitar que se sentassem e prestassem atenção ao debate ou as aulas, mostravam-se zangados e mal-humorados), Pedro, gentilmente pedia desculpas por interromper a atividade, sentava-se, porém, após alguns minutos, levantava-se e encaminhava-se até

alguns colegas e acariciava os longos cabelos, que na maioria das vezes, as meninas não reclamavam.

Comportamento, aquele que se repetiu várias vezes ao longo do bimestre. Quando se solicitava aos estudantes que redigissem um resumo do assunto abordado na sala de aula. A maioria reclamava, porém, Pedro não. Ele entrega uma folha de caderno com cinco ou sete linhas, e informava que o resumo estava concluído e nada mais tinha a dizer. Sua escrita era garranchosa, porém compreensível, a redação tinha pouquíssimo equívocos ortográficos, e o conteúdo correto, porém suscintíssimo e objetivo. Então, solicitava que escrevesse, argumentasse um pouco mais, e Pedro dizia, somente isso que tenho a dizer sobre a História do Brasil. Enfim, as habilidades leitora, escritora e reflexiva estavam se aprimorando, mesmo de forma lenta.

Passaram-se alguns anos, e a figura de Pedro veio à minha memória, em uma das aulas ministradas no Curso de Formação Continuada em Serviço: Tecnologia Assistiva com Ênfase na Educação/IFRO (12/2020 a 05/2021). Na aula em questão, a professora tratou de estratégias, técnicas, materiais didáticos e práticas de ensino que podem ser usadas e desenvolvidas ao longo do processo de ensino e aprendizagem com estudantes autistas, bem como apresentou alguns sinais e comportamentos que possibilitarão perceber se a pessoa é autista.

Nessa aula, conclui que talvez Pedro fosse um pré-adolescente autista, e que eu não havia percebido, pois até então, nada conhecia sobre Educação Inclusiva. Entrei em contato com a diretora da unidade escolar, e lhe perguntei sobre o aluno e sua família, e se no prontuário escolar constava alguma observação sobre Pedro. Após consultá-lo, ela informou que havia um registro o qual destacava que Pedro era portador de autismo moderado, e reconheceu que o processo de inclusão do aluno, era apenas matriculá-lo no ano/série de acordo com a faixa etária e aprová-lo para o ano letivo seguinte.

Nessa conjuntura, percebi o quanto o curso de licenciatura (efetuada em uma universidade pública estadual) estava caduco e negligenciou a legislação referente a Educação Especial e Inclusiva, os recursos tecnológicos e os materiais digitais disponibilizados na *internet*, entre outras fontes de pesquisas.

Ao longo do curso, constatei o quão ignorante era sobre esse assunto. Contudo, após concluí-lo, descobri um universo de possibilidades de trabalhar, ensinar e aprender com estudantes da Educação Especial e Inclusiva. Atentando para: conhecer as limitações do estudante para poder selecionar os recusros mais apropriado; conhecer os subsídios a ser utilizados e avaliar de forma continua por

determinado tempo os resultados apresentados na interação com o meio ambiente; trabalhar de forma interdidciplinar, estabelecendo contato com outros profissionais, principalmente da área da saúde e pedagogia e aquisição de recursos tecnológico e digitais de qualidade e eficiente.

No curso aprendi que ainda há muitos docentes que não estão preparados para trabalhar com Educação Especial e Inclusiva, porém, é possível mudar esse cenário, encorajando-os a refletir sobre como pensam, como agem e como ensinam no contexto da inclusão. Esse processo, passa por estratégias de ensino, planejamento das aulas, interação com a família e comunidade etc. Assim, para iniciar, pode-se partir de uma sugestão de procedimento metodológico (educação básica), a saber: a) contato com a família e registrar com ela trata a criança com deficiência, ou seja: como “coitadinha” ou um ser uma com potencial, o qual basta investimento em seus talentos e respeito e não tolerância; b) registrar o que a criança pensa sobre a sua vida, o mundo, seus gostos, suas brincadeiras, seus sonhos etc. Esse procedimento, pode constituir-se em material didático para o professor planejar sua aula, e torna-la mais lúdica e interativa; c) realizar uma avaliação processual, registrando a evolução do estudante ao longo do semestre letivo, e verificar o que deve ser retomado, e o que foi aprendido e d) retomar o contato com a família e comunidade, e apresentar o desenvolvimento e evolução do estudante no processo de aprendizagem, pois, sempre, alguma coisa se aprende e/ou desaprende e reaprende, depende do olhar de cada um. Este, deve ser comprometido com respeito, bom senso e com a premissa “Nada sobre nós, sem nós”. Assim, para cristalizar esses procedimentos: estabelecer diálogos com especialista da área, leituras pertinentes a sua prática de ensino, compartilhamentos dos resultados com seus pares, utilizar a tecnologia, como apoio em suas aulas e dando sentido a elas, conhecimento da Legislação/Educação Inclusiva etc.

A partir de 2008, a Educação Especial e Inclusiva, passou a ser uma modalidade, e deixou de ser substitutiva do ensino regular/comum, e passou a ser complementar da formação do aluno. Essa mudança, trouxe um outro olhar sobre o exercício da Educação Especial e Inclusiva dos jovens envolvidos, em outras palavras, a deficiência está no ambiente social, e não na pessoa com deficiência. Neste âmbito, a inclusão, é compreendida como convivência, compartilhamento e respeito aos saberes da pessoa com deficiência traz.

Enfim, para que a Educação Especial e Inclusiva ocorra de forma eficaz, se faz preciso investir na formação continuidade de professores e criar uma rede de

apoio e diálogo entre equipe gestora, corpo docente, corpo discente e comunidade. Assim, se construirá uma rede de suporte e integração social, propiciando oportunidade de convivência, e a inclusão não é vista como um problema, mas sim como diversidade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vanessa Noronha Eler

Ao me inscrever no curso, minhas expectativas eram altíssimas, pois imaginava que seria tudo em torno das ferramentas digitais. Imaginava que TA eram somente no que se referia a computador, programas, gravação de vídeos, games. Enfim, todo esse universo midiático para mim era um tabu a ser quebrado, pois era totalmente leiga no assunto.

No decorrer do curso, fui percebendo que o meu conceito do que era TA ia se desconstruindo e minhas crenças de que era tudo perigoso, podia estragar minha máquina ou celular ou de que era tudo muito difícil de usar, foram caindo por terra. Fui percebendo também que algumas tecnologias já eram de meu uso e eu nem sabia que fazia parte deste contexto. Posso citar aqui um exemplo dos materiais adaptados, a questão arquitetônica e outros.

Por fim, quando nos foi ensinado a trabalhar com as ferramentas Google (que a maioria pra mim era completamente desconhecida e as que eu conhecia, não sabia como usar em sua totalidade), foi o divisor de águas para meu trabalho melhorar. Confesso que ainda não tenho total domínio quanto a essas ferramentas, porém posso afirmar que estou buscando ficar íntima desses recursos para poder assim promover realmente a acessibilidade para aqueles que precisam usá-las.

Enfim, só posso dizer que de agora em diante meu trabalho será muito mais rico devido ao aprendizado que tive neste curso e que para mim foi muito significativo.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA FORMADORA

Vívian de Lima Maia

Fiz meu trabalho baseado na experiência como formadora de professores que atuam na rede pública de ensino do Distrito Federal. Não trabalho diretamente com alunos especiais, somente auxilio os profissionais da área, fomentando suas práticas pedagógicas. Atendemos todas as escolas do DF, por meio dos 14 Centros de Referência em Tecnologia Educacional - CRTE, distribuídos pelas cidades satélites. O meu localiza-se em Samambaia-DF. Os CRTE ofertam cursos, oficinas e atendimento personalizado aos professores da rede; dentre os vários cursos cito: Ferramentas do Google para Educação Gsuite, Robótica Educacional, Arduíno, Scratch e Jclik; dentre os professores atendidos, vários atuam no ensino especial, seja em Salas de Recursos, Orientação Educacional, Centros de Ensino Especial, dentre professores do ensino regular que atendem crianças com necessidades especiais.

Nossas formações possibilitam que os professores sejam autores da sua própria prática pedagógica, criando atividades personalizadas para atender às necessidades de seus alunos, especiais ou não. Na Caixa Supressa, tenho um breve relato em forma de vídeo, sobre o trabalho que faço auxiliando os professores.

Fiz o curso Tecnologia Assistiva para aprender mais sobre o assunto e poder repassar para esses profissionais que atendo. O curso foi grandioso, cheio de informações importantíssimas que valeram muito para minha formação e multiplicação com professores.

Deixo o link da minha Caixa Surpresa (ainda em construção) para quem queira acessar e conhecer um pouco mais do trabalho realizado. Agradeço imensamente a oportunidade de aprender tanto com vocês!

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL - CRECHE

Vivian Cristina Pereira dos Anjos Silva

O curso de Formação Continuada de Tecnologia Assistivas com Ênfase em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva foi de grande relevância profissional e pessoal.

Trabalho na Educação desde 2009 e sempre tive muitas indagações, principalmente após o nascimento do meu filho que nasceu com paralisia cerebral.

Como Trabalho na Educação Infantil, na modalidade da creche, em uma escola com apenas três salas, com 58 alunos matriculados. Atualmente, não temos nenhum aluno com algum tipo de deficiência, porém em anos anteriores tive experiências com alunos com TEA, Síndrome de Down, PC's, deficientes físicos e no último ano, um aluno com Distrofia Muscular de Duchenne.

A modalidade em que trabalho, por ainda atender bebês e crianças bem pequenas, ainda é uma fase em que as crianças estão em fase de desenvolvimento, fase também em que a criança está sendo acompanhada nas questões pertinentes ao seu desenvolvimento dos primeiros três primeiros anos de vida.

Desta forma, podemos considerar que o curso está sendo muito benéfico para os obstáculos encontrados na docência e nas questões relacionadas com meu filho Caio.

Nesse sentido, tenho utilizado com meu filho, a organização da rotina por imagens, o que tem organizado bastante nossa rotina diária.

Outra tecnologia assistiva utilizada em sua rotina é o plano de feltro, que foi confeccionado para ilustrar a contagem dos dedos para as atividades de matemática, a fim de facilitar nas dificuldades de utilização das duas mãos nas atividades.

Para as atividades remotas, ele tem utilizado, tanto no celular quanto no computador, a transcrição automática por voz e o leitor de textos, o que trouxe muitos avanços na alfabetização.

Em meu trabalho, tenho utilizado muitas ferramentas tanto para as atividades remotas com os alunos quanto ao grupo de educadores que trabalham comigo, a maioria deles possuem muitas dificuldades no uso de novas tecnologias.

Neste sentido, tenho utilizado com as crianças o Play Games e o Loom para gravação das atividades, histórias e rodas. Para as sondagens referentes ao desenvolvimento da fala dos pequenos, tenho utilizado a Iventeca e o EduEdu.

Para registro das atividades enviadas pelas famílias, estamos utilizando o Book Creator, o Google Drive e o Google Documentos.

No que tange às dificuldades apresentadas pelas educadoras, tenho utilizado o Google Meet para as nossas reuniões virtuais, com agenda e link fixo (o que é muito bom!), também estamos organizando nossas agendas pelo Google Agenda, compartilhando pelo Google Drive e confeccionando documentos pertinentes à organização escolar em grupo de maneira colaborativa.

Temos em nossa escola, funcionários com dificuldades na digitação de documentos, o que com orientação, começaram a utilizar a transcrição por voz, o que facilitou os registros da vida escolar dos pequenos.

Estou sempre atenta às dificuldades dos demais colegas que fazem parte da minha rotina diária, e recentemente meu esposo descobriu que as dificuldades de aprendizagens que tinha na infância, são resultados de TDAH, que o acompanha desde criança.

Assim, como possui formação em Direito e consequentemente, utiliza muito a escrita, e por muitas vezes enfrenta muitas dificuldades em organizar suas ideias para sua escrita.

Desta forma, depois de um grande período de sofrimento em meio a essas dificuldades, tive a oportunidade de conhecer no curso extensões que facilitam o seu dia a dia profissional como a extensão de correção gramatical e a extensão para foco de leitura.

Acredito que o curso me fez amadurecer profissionalmente, e também ajudou nas questões pertinentes ao meu filho.

O curso também me surpreendeu pela qualidade dos conteúdos apresentados, na troca de experiências entre os docentes, e profissionais, que muito têm contribuído com suas vivências apresentadas nos diversos canais.

Sinto-me grata pela oportunidade de fazer parte deste curso!